

*O  
Grande  
Mar*

**Registro**

**ISBN - 85-7539-064-3**

## **A um amigo**

Há nesta casa, um grande amigo cujo verso  
Traz rimas ricas, carregadas de emoção,  
Quando ele fala, eu me concentro em atenção,  
Porque sua arte é ainda maior que o seu sucesso.

Os seus poemas e sonetos sempre são  
Uma razão para eu pensar. E em meu recesso,  
Eu me analiso e vejo que não tenho acesso  
A esse baú de onde ele tira a inspiração.

Parece um tipo irrequieto, desligado,  
Anda pra cá, anda prá lá, despreocupado,  
Mas o percebo muito atento o tempo inteiro!

Caro poeta de Alagoas, da Paraíba,  
Do São Francisco, do Ipanema, rio à riba,  
Eu o saúdo: Raul Pereira Monteiro.

Nota-Homenagem do autor ao prefaciador

*O  
Grande  
Mar*

## Agradecimento



Apreciador dos versos da velha guarda, continuo adepto da poesia com rima, métrica e ritmo, independente da forma. Encanta-me, como já sabem, o soneto. Todavia, encontrarão nesta obra diferentes tipos de versos, inclusive alguns poemas em versos brancos ou livres.

Este novo trabalho que agora chega ao leitor, só foi possível graças ao apoio de pessoas que tiveram a sensibilidade de apostar na cultura.

A Samercap - Representante Compra Certa Brastemp para a região Norte e Nordeste, financiou a edição de *O Grande Mar*.

A atitude dessa empresa é um incentivo para o divulgador da arte, seja de que natureza for. E mesmo que o trabalho apresentado não mereça enaltecimento dos críticos, nada invalidará a atitude dos patrocinadores. O ato de prestigiar o autor, é, por si só, digno de louvor.

Apresento meus cumprimentos e agradeço à Samercap, pela iniciativa e confiança depositada neste nosso trabalho.

*O autor*

## **Ato de Caridade**

Do Livro Versos Escolhidos e Epigramas  
Djalma Andrade – MG 1952

Que eu faça o bem e de tal modo faça  
Que ninguém saiba o quanto me custou;  
-Mãe, espero de Ti mais esta graça:  
-Que eu seja bom sem parecer que sou!

Que o pouco que me dê me satisfaça,  
E se, do pouco mesmo, algum sobrou,  
Que eu leve essa migalha onde a desgraça  
Inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa, a mais, tenha um talher,  
Que será, minha Mãe, senhora nossa,  
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaraços,  
Que eu não coma sozinho o pão que possa  
Ser partido por mim em dois pedaços.

Nota-Incluimos este soneto em nosso livro, por ser  
das páginas mais tocantes que já conhecemos.

## Prefácio

Solicitei a um dileto Amigo e poeta, que desse uma passada de olhos nos meus escritos e ele, eterno esbanjador de gentileza, brindou-me com a declaração que transcrevo:

“Meu caro Octávio:

Aceitei, consciente, de um jardineiro Amigo - você - uma braçada de flores diversas, bonitas, viçosas e, sobretudo, carregadas de mistério e de histórias. Flores que falam das vidas finitas e também do viver glorioso dos espíritos na eternidade dos infinitos páramos astrais. Que narrem, outrossim, a beleza entusiástica da aurora e a languidez tocante do dia, quando o sol imerge no horizonte, amortalhando-o.

Já se vê, pois, que as flores, às quais me reporto, são os versos ricos de ensinamentos, de amor e de esperança, escritos pelo exuberante Octávio Caúmo Serrano. Esse Octávio que é tão serrano quanto as nascentes cristalinas dos rios ao redor dos quais brotam e depressa se levantam os lírios do campo, os ipês, as juremas, os muçambês... As nascentes que saciam a sede dos animais silvestres e dos passarinhos, atenuando-lhes a estafa e o calor.

“Jardim Serrano”, seria o melhor título para a obra poética que se encontra em minhas mãos, de autoria do grande vate Octávio Caúmo Serrano. É que, para mim, as flores da serra e dos campos, são mais puras e sutis. Explica-o o fato de que em seu legítimo habitat, só as estrelas e o céu as contemplam e guarnecem diuturnamente.

No mais, eu digo: Os versos de Octávio Serrano são mesmo um retrato perfeito de seu espírito iluminado e sobre-humano.”

*Raul Pereira Monteiro*

## **A águia da sorte**

O último degrau da Sabedoria,  
Pleno esplendor do sentimento humano,  
Segundo a voz do Espírito de Emmanuel  
É a humildade, a insuperável energia.

Uma águia pousou na Academia,  
Em que Helena é a grande luz,  
E desde então o "nego" se reduz,  
Dando valor ao sol da serventia.

Não assustou ninguém essa ave rara,  
Que enfim chegou com mostras de carinho  
É ali se instala como em doce ninho,  
Numa postura de amizade clara.

Essa ave santa é um nobre ser humano,  
Que trouxe para nós muita alegria,  
Lição de amor, de fé e de harmonia,  
Dizendo chamar-se Octávio Serrano.

*Raul Pereira Monteiro*  
*Membro da Academia Paraibana de Poesia*

Nota-Homenagem ao autor de O Grande Mar.

## **Meus escritos**

Dirijo-me à sua empresa,  
Falando em financiamento  
E espero, neste momento,  
Merecer a boa surpresa  
Porque eu tenho a certeza  
De que o seu desprendimento  
Vai auxiliar meu talento,  
Que, dizem, tem sua beleza.

Faço texto, faço rima,  
Quando elogio ou protesto,  
Digo o que gosto ou detesto,  
O que derrota ou anima  
E, seguindo neste clima,  
Chego a esquecer-me do resto,  
Toda minha alma eu empresto,  
Vôo pra baixo e pra cima.

Eu sei, senhor empresário,  
Que o momento é delicado  
E que até o menor trocado,  
Mesmo não sendo usurário,  
É pra pagar funcionário,  
Que colabora, ao seu lado,  
E tem de ser amparado  
Porque não é mercenário.

Já tive uma companhia  
De química e de metal,  
Que nunca me foi letal,  
Só me causou alegria.  
Decidi vendê-la um dia  
Pra alguém de mais capital,  
Pois tinha um nome legal  
E em todo o mundo vendia.



Quando vim para o nordeste,  
Foi para ter mais sossego  
E hoje, no meu desapego,  
Me sinto um cabra da peste.  
Não vou pro sertão ou agreste,  
Pois na enxada não me achego,  
Nela jamais havia pego,  
Desde os tempos de sudeste.

Só lhe peço algum auxílio  
Para lançar minha obra,  
Pois se o dinheiro não sobra,  
Também não vivo no exílio.  
Tenho mulher, tenho filho,  
Não me enrolo como cobra,  
Se a minha renda não dobra,  
Dá pro feijão e pro milho.

O senhor tem seus clientes  
Que vivem no corre-corre.  
Homem só pára se morre,  
Mesmo os que vivem doentes.  
Vamos mostrar a essa gente,  
Que a vida louca, esse porre,  
Pode ter quem nos socorre  
Se houver amigos presentes.

Pelo texto e pelo verso,  
Tantas páginas que são,  
O preço é liquidação  
De talento não disperso.  
Não exporei em congresso,  
Porque não há pretensão,  
Mas chamará à atenção,  
Se a eles tiver acesso.

Logo virá o Natal,  
Que é o tempo das lembranças,  
Dá-se armas às crianças  
E ao adulto, é fatal,  
Emprega-se o capital  
Na bebida. E a esperança,  
É receber, de lambança,  
Cachaça pra passar mal.

Podemos ser os primeiros  
A dar livros de presente,  
Ensinando a muita gente  
Os caminhos verdadeiros.  
E se nós formos pioneiros,  
Há de vir, posteriormente,  
Alguém, também competente,  
A seguir nossos roteiros.

## Dúvidas

-Você acredita na reencarnação?  
Perguntou-me, o mestre Ascendido Leite,  
-Ou lhe impuseram, assim, como um enfeite,  
Tipo de um dogma ou superstição?

Disse-lhe: -A vida não é só deleite,  
Pois tudo guarda estreita relação,  
E cada ação embute uma reação;  
É assim que é, aceite ou não aceite.

Deus não se importa se crê, se não crê,  
Porque não fez as leis só pra você...  
Quando deitar-se numa cova rasa,

Nunca cogite da falta de sorte,  
Pois, na verdade, o que chamamos morte,  
É a viagem, de voltar pra casa.

## **Amor aos animais**

Se eu fosse da sociedade  
Que protege os animais,  
Eu proporia um decreto  
Para cuidar desses tais.  
Frango ninguém mataria,  
A não ser com anestesia;  
Sofrimento, nunca mais!

Haveria psicólogo  
Para o bode e pro carneiro,  
Pra convencer os coitados  
A se entregar por inteiro,  
Sem encher os olhos d'água  
Ou carregar qualquer mágoa,  
Na hora do desespero.

O mesmo eu faria com a vaca  
E com seu marido, o touro,  
Quando eles fossem levados  
Forçados pro matadouro.  
Consolaria o bezerro,  
Que choraria o desterro,  
Vendo tirar-lhes o couro.

Acalmariam o coelho,  
Falaria com o pato,  
Evitaria que alguém  
Por lebre matasse um gato...  
Mesmo o peixe, ao ser pescado,  
Ia ser acariciado  
Antes de pô-lo no prato.

Quer fosse cobra ou lagarto,  
Paca, tatu ou cotia,  
Iria ser bem tratado,  
Comigo não sofreria.  
Afinal, é meu irmão,  
Que está em evolução  
Nas lutas do dia-a-dia.

A carne tem toxinas  
Porque o bicho, mesmo forte,  
Sempre demonstra revolta  
Em face da triste sorte.  
E nós engolimos tudo  
O que o bicho, carrancudo,  
Destila na hora da morte.

Qualquer animal usado  
Para servir de alimento,  
Deve ter nosso respeito,  
Porque ele nos dá o sustento.  
Mas espero, ainda este ano,  
Ser mais um vegetariano,  
Como o cavalo e o jumento.

Se eles tem tanta força  
E vivem só do capim,  
O que é bom para eles,  
Deve ser também pra mim.  
Nos legumes, nos cereais,  
Frutas, verduras, que tais,  
Há nutrientes sem fim.

Mas quem não pode viver  
Sem comer carne de irmão,  
Enchendo a sua barriga  
Com defuntos sem caixão,  
Faça tudo com critério,  
Para que esse cemitério  
Não provoque indigestão.

## Amor

Pedes que eu defina o amor.  
Digo-te: -Ele é o conjunto de palavras  
De gestos ou silêncios...  
É o chinelo que amacia o pé cansado;  
A água que umedece a boca ressequida;  
É o "bom dia"... o "como vai"? "o dormiu bem?"  
É a vigília no leito do sofrer.  
-Ele é o sorriso no instante do banquete,  
O estímulo e a palavra que encorajam...  
Ombro macio, que silencia e chora num dueto.  
O amor é a revista, é a caixa de bombom,  
A rosa solitária, que chegam de repente.  
Não tem dia, não tem data, nem tem tempo.  
Explode na vontade e exterioriza.  
O sexo é apenas sobremesa, não é prato principal...  
A obra prima é a cortesia; a carne é só moldura,  
Retoca, mas não vale mais do que o arte.  
O amor não é paixão, é equilíbrio.  
Amar é fazer sorrir, não apenas ser contentado.  
O amor é doação, não reivindicação.  
É patrimônio de quem ama  
É não de quem só deseja ser amado.  
É atributo daqueles que conhecem Deus  
E o imitam, como o grande modelo  
De Amor.

## Trovas para reflexão

No gesto de caridade  
que tira o pobre do chão,  
Deus reconhece a bondade  
seja ateu, seja cristão.

## **Tempo perdido**

Está dormindo, ou está acordado...?  
Na UTI seus pensamentos vagam  
E há quem pense que ali jaz inútil...  
Um tempo fútil, para quem só dorme!  
Eu o esclareço, para que se informe,  
Que o aneurisma que o jogou no leito  
É provisório e só diz respeito  
Ao corpo denso, porque a alma segue  
Seu pensamento, sua reflexão.  
É como um carro preso à oficina;  
Seu condutor é sempre habilitado  
Se o carro quebra, um outro é comprado  
Ganhado, alugado...  
Pela misericórdia, que é a lei da vida.  
Alma não enfarta, o que enfarta é corpo.  
Alma não morre, desfaz-se a matéria  
De densidade bruta, e isto é coisa séria,  
Porque os fatos estão registrados  
E esteja morto, esteja aleijado,  
Esteja sóbrio ou alienado,  
Os atos construíram tal momento.  
Somos reação de cada nova ação,  
Somos colheita do nosso plantio,  
Somos efeito e também somos causa,  
Somos herdeiros só do nosso eu.  
Males? Ninguém nos causa a não ser nós mesmos;  
Dores, ninguém suponha que se tenha a esmo.  
Somos um planejamento que deu certo,  
Mas, por não compreender, nos faz, decerto,  
Ver injustiça onde existe amor.  
Doenças? Mais um apelido de remédio.  
É a dor que cura, porque nos limita,  
Não deixa de agir se nos irrita,  
Seguindo sua função, seu gesto regenerador,  
Limpendo o pó da alma, como espanador,  
Numa catarse que vai preparando  
Os tempos novos, aqui ou depois,

Porque o fim jamais existirá.  
É um vir a ser que roda, roda, roda...  
E vai, sem fim, seguindo ao infinito!  
O que hoje nos faz soltar um grito,  
Amanhã nos extasia de alegria.  
Somos parados, por não saber parar.  
Somos freados por insistir em ultrapassar  
O limite do racional.  
Não temos tempo...! Nunca temos tempo...!  
Ora, o tempo. O tempo só existe hoje e agora.  
Ninguém habita o ontem ou o amanhã; são utopias!  
Um deixou marcas e se orgulhava de chamar-se agora!  
O outro, aspira ter o mesmo galardão,  
Mas nunca tem a certeza de atingi-lo.  
Há um poder regulador que caminha, favoravelmente,  
Na direção das leis. Das leis eternas e naturais.  
As mesmas leis que estão em nós e não as entendemos.  
Que regulam desde um olhar até a paixão mais funda;  
Dessa bondade que em todos abunda,  
Mas como estamos ocupados não a vemos,  
Não a sentimos, não a desfrutamos.  
Ninguém chore, porque choro, aqui, não cabe;  
Ninguém fique triste, porque a tristeza afronta a fé;  
Ninguém se sinta ao desamparo, impotente,  
Porque um filho de Deus, jamais estará abandonado.  
Provas? Para que, se não sabemos compreendê-las...  
Provas humanas, não servem  
E provas divinas não são para nós. Não é hora, ainda,  
Para o homem comum, mais instinto que razão...  
Basta crer, sem precisar ver,  
Porque crer nasce da razão  
E desejar compreender o ininteligível  
Será angustiar-se de tédio.  
Premissas exatas? Onde estão?  
Exatas para quem se tudo é exato, se tudo é lei.  
Amar é lei, porque sem amor há ódio, que gera ódio  
Que só se anula com amor,  
Amor que dá e nunca pede amor.  
Momentos vividos, sofridos, desfrutados

Ou, para nós, roubados?  
Todos tem uma finalidade, porque o inútil  
Anularia a lógica das leis.  
UTI? UTI...lidade, por certo; férias para a alma,  
Que, cansada de domar o corpo,  
Sente ânsias de repouso.  
Depois, tudo volta ao normal;  
Se não ao normal dos homens,  
Certamente, ao normal de Deus...

Nota - Encontrei um amigo na praia, entristecido pelo irmão que estava hospitalizado, numa UTI. Refletindo sobre o assunto, ofereci-lhe este poema. 27/04/2000.

## **Trovas para reflexão**

A cama onde eu me deito,  
para espantar, nesta terra,  
as agruras do meu peito,  
já foi árvore da serra.

Eu sempre agradeço ao Pai,  
com muito amor e respeito,  
pelas preces que lhe mando  
do silêncio do meu leito.

Se você quer se curar  
faça o outro ser feliz;  
é o que cura as nossas dores  
sem deixar nem cicatriz.



## **Apenas eu.**

Há milênios, certo dia,  
Antes de ser o que sou,  
Eu nasci, como uma cria  
Do nosso Pai Criador.  
Cheguei sem saber de nada  
E iniciei a caminhada  
Na busca do puro amor.

Continuação de mim mesmo,  
Do que já fiz e já fui,  
Só sofro se vivo a esmo  
A vida que hoje me flui.  
Carrego um corpo emprestado  
Que um dia volta, alquebrado,  
À Terra onde se evolui.

A minha mãe e o meu pai  
Deram-me esta silhueta,  
Que se desgasta e se esvai,  
Como a areia na ampulheta;  
Dormirá no campo santo,  
Que lhes digo: nem é tanto,  
Entre a flor e a borboleta.

Eu tratarei de voar,  
Mas para onde não sei...  
Outras formas vou tomar,  
Seja nesta ou noutra grei,  
Seguirei minha experiência,  
Pois eu creio, por ciência,  
Que à perfeição chegarei.

Já vou a meio caminho,  
Mas vivo atrelado ao chão;  
Sou menos flor, mais espinho,  
Mais instinto que razão,  
Porém algo já avancei  
Vivendo conforme a lei;  
Conforta-me o coração.

Tenho o destino que faço,  
Não sou produto do meio.  
Por isso vou no meu passo,  
Caminhando sem receio,  
Espalhando o bem que possa,  
Levando a minha carroça  
Como um burro em seu arreio.

Se sou do Pai uma cópia  
Sua imagem, semelhança,  
Vivo hoje em dura inópia  
Por agir como criança.  
Mas se também sou divino,  
Posso mudar meu destino,  
Eu sigo nessa esperança.

Por isso, mantenho a fé,  
Aceito as dores da vida,  
Não caio dos próprios pés,  
Mesmo na hora sofrida.  
Eu sei que o Pai toma conta  
E tudo o que hoje me afronta  
Entrego ao Senhor da Vida!

No final da minha história,  
Haverei de ser, também,  
Um anjo cheio de glória,  
E, nas entranhas do além,  
Receberei o alimento,  
No meu sublime momento,  
Que virá de Deus. Amém!

## Às mães

Nos terríveis contrastes desta vida,  
Há filho sem ter mãe e mãe sem filho,  
Por que ao chegar a hora da partida,  
Cumprida a lei, começa um triste exílio.

Ora é a mãe, em lágrimas perdida,  
Ora é o jovem, com o olhar sem brilho,  
Que já não tem da mãe a acolhida,  
Já não pode contar com seu auxílio.

Feliz a mãe que tem seu filho amado,  
Frágil menino, sempre do seu lado,  
Para orientar, calmando-lhe a ansiedade!

Amem-se muito, aproveitando o tempo,  
Porque na vida vêm os contratempos  
E, num minuto, tudo é só saudade.

## Bajulações

Não me tratem além do que mereço,  
Porque eu me conheço muito bem.  
Algo que me aborrece é quando alguém  
É exagerado com o seu apreço.

Mudem seu tratamento, evite empeço,  
Sem ofendê-los, vou dizer, também,  
Que não me vendo por pouco vintém;  
É bem mais alto que pensam meu preço.

Não me ofereçam falsos elogios,  
Pois sempre são difíceis desafios  
E só acumulam em mim mais cacarús.

Só dou valor àquilo que é sincero  
Palavras fúteis, digo-lhes, não quero,  
Porque o que valho só quem sabe é Deus.

## **Auto-Ajuda**

O mundo hoje está repleto  
De sacerdote e levita.  
Não se vê samaritano,  
Tipo que acalma a desdita  
De alguém que esteja caído,  
Que corra e atenda o sofrido  
Conforme Deus lhe permita.

Por isso, nas nossas quedas,  
Que ocorrem constantemente,  
Temos de estar muito atentos,  
Mantendo serena a mente,  
Porque cair é normal  
Ficar no chão é que é o mal  
E ocorre com muita gente.

Quando Jesus nos falou  
Do homem de Jericó,  
Deixou bem claro pra nós,  
Que não é bastante o dó,  
É preciso dar ajuda,  
Pois um dia a coisa muda  
E o omisso acaba só.

Para termos o direito  
De receber o amparo,  
É preciso que doemos  
Do nosso amor, que é tão raro.  
A vida é troca constante,  
Quem dá recebe bastante,  
Quem não dá, sofre meu caro.

O Mestre nunca mentiu  
Nas histórias que contava;  
Disse que a pessoa má,  
Da vida se torna escrava.  
Mas se imitarmos Jesus,  
Deus, nosso Pai, nos conduz  
Diante da luta que é brava.

## Brisa

A face, a brisa me afaga,  
Deixando um quê que embriaga;  
Minhas rugas gostam dela!  
Traz-me carinho e meiguice,  
Tal como se me cingisse,  
Meiga e suave donzela.

É o amor da natureza,  
Que na sua singeleza  
Lambe-me a face, sorrindo.  
E eu, feliz e disposto,  
Me alegro ao sentir no rosto  
O vento brando, zunindo.

Este sopro rarefeito,  
Mostra um secreto respeito  
Por este tipo ancião.  
Beija-me os poucos cabelos,  
Mas lamenta eu mais não tê-los,  
Para adornar-me a feição.

Ora fria, ora quente,  
Flui a brisa... De repente,  
Acanhada vai-se embora...  
Resta o silêncio comigo,  
Saudoso do vento amigo  
Que já não sopra lá fora.

## **No canto da vida**

Ceguei na esquina do mundo,  
Onde o vento faz a curva,  
Minha vista ficou turva  
E o meu olhar, vagabundo.  
Vi lá uma mulher sentada,  
Seu homem e um menininho,  
Que esperavam, com carinho,  
Nova cria preparada.

Eu vi a nuvem que enchia  
Com muita água o seu ventre;  
Vi adubar a semente,  
E a planta que, após, crescia...  
Eu vi o sol nascer cedo,  
Jogando raios na Terra,  
Pra homens de paz e guerra,  
Sempre tão cheios de medo.

Vi o vasto mar agitado,  
Suas ondas, num vai e vem,  
Rebolando com desdém,  
Num marejar ondulado.  
Vi, ainda, um céu azul,  
Como o que está na bandeira,  
Desta terra hospitaleira,  
Bonita de norte a sul.

Debrucei-me no horizonte,  
Vi um cenário bonito,  
Tentei entrar no infinito,  
Mas pra cruzar não vi ponte.  
Só existe um corredor  
Que nos conduz pela morte,  
Ao mundo onde o azar é sorte  
Quando o ódio vira amor.

Cheguei ao mundo da luz;  
Vi, mas não pude transpor,  
Não voei como um condor  
Nem pude encontrar Jesus.  
De lá, precisei voltar,  
Por me faltar experiência,  
Porém não perco a paciência  
E sigo tentando amar.

Quero mais simples viver,  
Lições chegaram à minha alma;  
Só basta um pouco de calma.  
Para aquietar o meu ser.  
Agora que já conheço,  
E desejo ser feliz,  
Vou mudar o meu matiz  
E criar novo endereço.

Quero livrar-me do véu,  
Pois aprendi que é preciso,  
Vestir-me de paz e juízo,  
Que é o uniforme do céu.  
Nessa viagem, solitário,  
Conheci mais de mim mesmo,  
Agora não vivo a esmo,  
Faço da vida um sacrário.

Voltei da esquina da vida,  
Onde encontrei a clemência,  
Tenho mais calma a consciência  
E preparo a despedida...!  
Feliz quem pôde viajar  
Pra dentro do próprio "eu",  
Assim como aconteceu  
Comigo, pra se encontrar.

## **Caridade**

Não pense que caridade  
É só oferecer dinheiro,  
Comida, uma roupa velha,  
Porque não é verdadeiro;  
Isso é somente uma esmola,  
O que nem sempre consola  
Quando sofre um companheiro.

Aquele que dá a moeda,  
O agasalho, o donativo,  
Deve fazer com que o outro  
Fique alegre de estar vivo,  
Porque quem ao dar humilha  
Sempre se prende à armadilha  
Da dor, como corretivo.

Caridade é falar bem,  
Agir de modo sensato,  
Jamais ofender ninguém,  
Espalhando algum boato,  
Pois falar mal, na verdade,  
É uma afronta à caridade,  
Além de um gesto barato.

Não é alma caridosa  
Quem calunia por trás,  
Ofende quem está ausente,  
Mostrando a língua mordaz;  
Quem denigre até um amigo  
Acabará, por castigo,  
Privado da própria paz.



Compreenda que caridade,  
É a boa fala, a atenção,  
O respeito que ofertamos  
A quem vive em provação,  
Aproveitando o momento,  
Pra tirar do sofrimento  
Aquele que está no chão.

### **Estrela cadente**

Quem muito casa e descasa,  
Sem ter um amor fremente,  
Não culpe os que são da casa,  
Nem aquele com quem casa;  
A culpa é dele, somente.

Com pouco tempo de casa,  
E conduta irreverente,  
Começa a arrastar a asa  
Para um amor de outra casa,  
Com sua lábia envolvente.

Não vê que só espalha vasa,  
Por não ser alguém decente,  
E qual ave, em sua desasa,  
Trocando as penas da asa,  
Sai a voar, de repente.

Diversas vezes se casa  
Espalha filhos, contente,  
Mas depois que apaga a brasa,  
Acaba só, em sua casa,  
Curtindo uma dor pungente.

Chega a velhice que arrasa,  
Deixando-o fraco e doente.  
Já sem amor em sua casa,  
Só lhe resta a cova rasa...  
Oh! Pobre estrela cadente!

## **25 de janeiro**

Amo São Paulo, a locomotiva,  
E a mais pujante entre as capitais!  
Quem a visita não consegue mais,  
Tirar da mente a sua gente ativa.

Quem é seu filho, não controla os ais,  
Nesta sua data comemorativa,  
Quando seu povo, em reunião festiva,  
Quer declarar-lhe amor, como jamais...!

Fecho meus olhos e enquanto eles dormem,  
A vejo em sonhos, pois me fez ser homem  
E me ensinou tudo o que agora sei...

Ela me deu esta força de aço,  
Que agora uso para dar-lhe o abraço,  
Porque jamais, meu Deus, a esquecerei!

## **Democracia ou Ditadura**

Houve um período em que mandavam os militares,  
Neste Brasil que é liberal e tão formoso!  
Há quem reclame que foi um tempo horroroso,  
Muita vingança se espalhando pelos ares.

Viviam em mira de censura lojas, bares,  
Porque a injustiça era algo tenebroso,  
Ninguém podia se expressar, a livre gozo,  
Já que espões haviam até nos altares.

O AI 5 não deixava que a palavra  
Fosse empregada, cada qual tendo sua lavra,  
Pois cerceou a liberdade de expressão.

Da ditadura voltou-se à democracia  
E hoje, as palavras, qualquer um as pronuncia,  
Mas nada valem, só nos servem de ilusão...

## **Fragmentos de vida**

Lições de um operário: meu pai

O domingo amanhecia,  
Já chegava novo dia,  
Quando a mãe me despertou.  
-Meu filho, estou preocupada,  
Passei a noite acordada  
Porque seu pai não chegou.

Assustado, após ouvir,  
Me apressei logo em sair  
E fui até a construção.  
Ao chegar, ali sentado,  
Vi meu pai desanimado,  
De olhar fincado no chão.

Sem receber o salário,  
Porque o patrão usurário  
Não pagou a semanada,  
Ele estava amargurado,  
Mais que isso, revoltado,  
De alma despedaçada.

Aquele homem decente,  
Que já fora tão doente,  
Estava sendo aviltado.  
Eu, o seu filho, seu sonho,  
Sofria também, tristonho  
Por ver meu pai humilhado.

-Amanhã eu me demito,  
Disse-me quase num grito,  
Pois isso não é direito.  
-Se teu primo é nosso amigo,  
Como faz isso comigo  
Que lhe dedico respeito.

Apesar da pouca idade,  
E sem ter maturidade,  
Falei-lhe, usando critério:  
-Se acalme, pai, dá-se um jeito,  
O senhor é homem direito,  
Deus protege quem é sério.

-Afinal, lá na gaveta,  
Naquela cômoda preta,  
O senhor tem reservado  
O valor da prestação  
Da bomba, do seu João;  
Pague alguns dias atrasado.

-Esse dinheiro não é meu,  
Bravo, meu pai respondeu!  
-Inda que eu coma capim,  
E não me faça careta,  
Depois que vai pra gaveta  
Já não mais pertence a mim.

Emocionei-me, sentido,  
Ante o gigante ferido;  
Meu olho ainda mareja!  
Que lição, naquele dia...!  
Deus do Céu, Virgem Maria:  
-Bênção, meu pai, onde esteja!

## **Trovas para reflexão**

Se falo tudo o que gosto,  
sempre gosto do que falo,  
eu não posso reclamar  
do coice de algum cavalo.

## Depressão

Existe na atualidade  
Um mal que se chama estresse.  
Dizem que não é doença,  
Porém o homem padece  
E, conforme a situação,  
Transforma-se em depressão  
Pedindo remédio e prece...

Certos sintomas indicam  
Que o sujeito está estressado:  
Ele quase não trabalha,  
Mas vive sempre cansado,  
Isto é uma indicação  
Que deve dar atenção,  
Porque existe algo errado.

Dorme demais ou de menos,  
Tem constante cefaléia,  
Dores na nuca, no estômago,  
Que lhe confundem a idéia,  
Baixa a produtividade,  
Cresce a irritabilidade,  
Em sua triste odisséia.

A boca está sempre seca,  
Este é um outro sintoma,  
Junto à falta de apetite,  
Nada o convence que coma.  
Musculação toda dói  
Parece que algo o corrói  
Mas não se cuida, só embroma.

Vive sempre distraído,  
Esquece da obrigação,  
Mas tudo isso é causado  
Pela má distribuição  
Do tempo na atividade  
Na qual luta, de verdade,  
Na sua sustentação.

É sempre um mal humorado,  
Cultiva maus sentimentos,  
É pessoa bem difícil  
Nos seus relacionamentos.  
Se descontrola por nada,  
Vive sempre desconfiada  
Por isso sente tormentos.

Faz cavalo de batalha  
Ante um pequeno problema,  
Sente-se muito infeliz,  
Vive em constante dilema.  
Diante de qualquer prejuízo,  
Fica nervoso e sem juízo,  
Sente rancor e blasfema.

Mas quem quiser evitar  
Os males da depressão  
Tem de combater o estresse  
Evitando a confusão;  
Deve fugir do barulho  
Que põe na cabeça entulho  
E amargor no coração.

Não deixe de descansar,  
Faça exercícios regrados,  
Tenha também um lazer,  
Mas sem ser compromissado  
Com horário rigoroso,  
Porque ficará nervoso  
Quando estiver atrasado.

Coma alimentos bem leves,  
Que tenham pouca gordura.  
Isto é sempre mais saudável  
Para qualquer criatura,  
Em especial no jantar,  
Pois logo irá se deitar  
E o peso é grande tortura.

Outro conselho importante,  
É fazer meditação,  
Respirar bem relaxado,  
Ritmar o coração;  
Ódio, nem mesmo pequeno,  
Pois provoca, qual veneno,  
Grave intoxicação.

Todos têm dentro de si  
Um médico pra cuidá-lo,  
Que dá boa orientação  
Pra viver bem, e lhe falo,  
Basta só ter bom ouvido  
Que esse doutor escondido  
Tratará até do seu calo.

A vida está complicada,  
Muita briga, poluição,  
Grandes desentendimentos,  
Além da corrupção,  
Mas quem tiver interesse  
Pode livrar-me do estresse  
E também da depressão.

Devemos sempre lembrar  
Tantas lições esquecidas;  
Tudo é a nosso favor,  
Deus nos dá sempre guarida.  
Basta o homem ser fiel  
E fazer bem seu papel  
Pra ser feliz nesta vida.

## **Assuntos novelescos**

Quem tem uma namorada  
Que vive sempre drogada  
Como é a Mel da novela,  
Necessita de paciência  
E firmeza de consciência,  
Pra não cair como ela.

Precisa ser como o Xande  
Um homem com letra grande  
Pra ajudá-la no tropeço.  
Tenham vocês a certeza,  
Quem ofende a natureza  
Paga sempre um alto preço.

Quem afirma é dona Jura,  
A sensata criatura,  
Que "não é brinquedo não!"  
Nesse drama muito triste,  
Bem pouca gente resiste,  
Vai a família pro chão.

Sofre a mãe e sofre o pai,  
Quase todo mundo cai,  
Avô, empregada, amigo;  
Viciado se descontrola,  
Mata, rouba, pede esmola,  
E acaba como um mendigo.

Depois que a droga nos pega  
É ela que dita a regra,  
Manda na nossa vontade.  
Quem pensa que logo adiante  
Se livra dela, num instante,  
Desconhece a realidade.



É preciso reverter  
Logo que acontecer  
Qualquer ato de tristeza  
Não use o primeiro trago,  
Nem o pó, que faz estrago,  
Pois é sinal de fraqueza.

Quem tem cabeça ocupada,  
E não se abate por nada,  
Sabe onde tem o nariz,  
Nunca é escravo da goga  
Não precisa tomar droga,  
Porque está sempre feliz.

Veja o Nando, a Regininha  
E a Mel, toda bonitinha,  
Deram aos pais só desgosto.  
Preste atenção no seu filho,  
Veja se conserva o brilho  
Nos olhos e em todo rosto.

Não pense que pelo fato  
De ele parecer pacato  
Está tudo garantido;  
Muitas vezes o drogado,  
Disfarça, estando magoado,  
Sorrindo mesmo abatido.

Se olharmos Lucas e Jade,  
Que agiram como covardes  
Sempre a fugir do destino,  
Vemos que isso refletiu,  
Como já dizia o tio,  
No seu próprio desatino.

Mulher "espetaculosa",  
Leviana e muito fogosa,  
Tinha sempre seus amantes,  
Por nenhum se decidiu,  
Não apanhou por um fio,  
Essa " donzela" incitante.

Na novela que findou,  
Que muito exemplo deixou  
De atos pouco decentes,  
A dupla Karla e Odete,  
Armando ardiloso esquete  
Enriqueceu, de repente.

Vimos também fanatismo,  
No ritual do islamismo,  
Que fala muito em Alá,  
Mas na hora do bem bom,  
O homem, sempre um machão,  
Muitas vezes quer casar.

Contam que o próprio Maomé  
Teve um monte de mulher,  
Mais de dez, ou talvez vinte,  
Dando exemplo de que é certo,  
Pois pelas leis do deserto,  
Casar demais é um requinte.

Mas além desses problemas,  
Com a ajuda das blastemas,  
Foi criada nova imagem;  
Tirou-se parte de um ser  
Para com ela fazer,  
Cópia dele, uma clonagem.

Não sabiam que não dá  
Pra alma também clonar,  
Criando o comportamento,  
Por isso aquele que nasce,  
Pode ter a mesma face,  
Mas nunca o temperamento.

Só nasceu por outro meio,  
Que ainda causa receio  
Porque é desconhecido;  
Não precisou casamento,  
O material foi pra dentro  
Sem ter de usar o marido.

No fim só deu confusão,  
Porque a justiça, até então,  
Não tem leis pra tal apuro.  
Mas é bom já ir pensando,  
Porque o tempo está chegando  
E a clonagem tem futuro.

## **Trovas para reflexão**

Praticar a caridade:  
essa é a eterna receita;  
E que a esquerda não veja  
tudo o que faz a direita.

Nascer, viver e morrer  
em chorosa despedida,  
não creio que possam crer  
que assim se acaba uma vida.

Se vivem pais, filho e filha  
numa contenda que arrasa,  
não formam uma família:  
só moram na mesma casa.

## **O vate paraibano**

Nasceu o poeta Augusto,  
No Engenho de Pau D'Arco.  
Era de franzino busto,  
Mas de cabeça, era um marco.  
Com a sua inteligência,  
Em versos, cantou a ciência,  
Falou do céu e do charco.

Afirmou que a mão que afaga  
É a mesma que apedreja.  
Falou das penas das chagas,  
Ao lamentar que assim seja,  
Mas na árvore da serra,  
Fez uma trégua em sua guerra  
Na poesia sertaneja.

Ao cantar a natureza  
Debaixo do Tamarindo,  
Analisava a beleza,  
Repousando, e até dormindo,  
Reclamando da canseira,  
Sob a Flora Brasileira,  
Após cada dia findo.

Defendeu a meretriz,  
Citou o verme voraz,  
No caixão macabro diz  
Que não pudera ter paz!  
Mas foi cantando as moneras,  
Dizendo-se de outras eras,  
Que se mostrou mais audaz.

Tentou definir a idéia  
Que vem da matéria bruta  
E depois, como a alcatéia,  
Nos ataca e ainda executa.  
Nem sempre pode domá-las.  
Escapavam nas suas falas,  
Amargas como a cicuta.

Disse ele que o morcego  
É como a consciência humana,  
Que vive em desassossego,  
Pelo mal que dela emana,  
Porque o homem, vacilante,  
Tropeça e não segue adiante,  
Sempre escravo da chicana.

Mostrou que o cão, tão sofrido,  
Seguindo seus ancestrais,  
Conserva o mesmo latido  
Para imitar os seus pais.  
Segue ao léu essa alma errante,  
Nunca ladrando o bastante  
Para exprimir os seus ais.

Foi nas "Cismas do Destino"  
Que fez um longo relato:  
Demonstrou todo o seu tino,  
Com a fala cheia de ornatos,  
Disse de seres, batráquios,  
Em linguajar não terráqueo,  
Para nós, algo abstrato.

Muito mais fez esse vate,  
Um orgulho nordestino.  
Ora era um forte em combate,  
Ora era um frágil menino.  
Seguindo, assim, sua sina,  
Foi morrer em Leopoldina,  
Lamentando seu destino.

Hoje ele é exaltado,  
Neste torrão que ainda é seu.  
Vê seus versos recitados  
Nas ruas, nos Ateneus!  
Resgataram-lhe a memória,  
Entrou outra vez na história  
O grande escritor do "Eu"!

## **Gente e bicho**

Deus fez o mundo em seis dias, e com capricho.  
Mas veio o homem e o deixou bem diferente!  
Por isso, hoje, bichos vivem como gente  
E muita gente anda vivendo como bicho.

Entre as pessoas, quem mais pode nada sente,  
Nem presta ajuda ao pobre que busca no lixo  
Seu alimento, pois seu ganho é sempre mixo,  
Mas ninguém liga, o povo fica indiferente.

Enquanto os cães são enfeitados nas modistas,  
Muitos cavalos são tratados como artistas,  
Há muita gente que não tem um só vintém.

Os bichos têm a boa razão e as vitaminas,  
Mas, pelas ruas, os meninos e as meninas  
Vivem da esmola, nesta terra de ninguém.

## **Trovas para reflexão**

Apesar de mãe solteira,  
ela está participando;  
por conta dessa besteira  
uma alma está reencarnando.

## **Feliz Ano Novo**

Diz a boca o que não diz o razão...  
Feliz Ano Novo! Mas por que?  
Que dará você, como contribuição  
Para que seja feliz o Ano Novo?  
O Ano Velho ficou como véspera,  
Mais um na história do ontem;  
O Novo Ano é apenas o dia seguinte.  
Quem trazia os olhos escuros no 31,  
Segue no mundo das trevas, assim que chegar o 1.  
Quem no último padecia da miséria,  
Não terá riqueza no primeiro.  
Se não construir, no Velho, o Novo,  
Reclamará no Novo o mesmo que no Velho.  
Não há mágicas.  
Melhorar anos!  
É tarefa das individualidades.  
Sonhe na ociosidade e terá pesadelos.  
Reclame e ganhará enfermidades.  
Aja no bem e realizará prodígios.  
Não há culpados,  
Neste mundo onde todos temos culpa.  
O grande mal é o desconhecimento;  
É a infelicidade de ser imperfeito,  
É a marca do homem no século que se esvai.  
Anos todos são, Bons e Maus, Velhos e Novos  
A um só tempo. Em cada um, sorrimos e choramos,  
Em todos eles, sofremos e gozamos,  
Porque tudo é gerado na força mental,  
O dínamo incrustado em cada alma.  
Melhore seus olhos  
E será calmo o compasso do seu coração.  
Não comente o mal, para que o bem ganhe vida.  
Abençoe o Ano Velho, que muito lhe ensinou,  
Agradeça-lhe e, só assim, haverá de ter um  
Feliz Ano Novo!

## **Filho criado, trabalho...**

Existe antigo ditado,  
Que diz que o filho criado  
Dá um trabalho dobrado,  
Seja em qualquer situação.  
Porque quando o tempo passa,  
Ele vai perdendo a graça,  
A infância virá fumaça  
E chega a preocupação.

Depois de nascer bebê,  
Ele começa a crescer  
E é hora de aparecer  
Tempos de curiosidade.  
Perguntas de todo jeito,  
Passa a perder o respeito,  
Não faz mais nada direito,  
É a hora da puberdade.

Sai uma espinha no rosto,  
Já no amor tem seu desgosto,  
E o colégio em que foi posto  
Agora não mais o agrada.  
Quer estudar noutra escola,  
Não quer mais levar sacola,  
Para os pais nem dá mais bola,  
Só pensa na namorada.

Falou-se aqui do menino  
Mas quer "bambina" ou "bambino"  
Mesmo os de trato mais fino  
Põem de pé nossos cabelos.  
Nos dão um grande trabalho,  
Só em ferro frio bate o malho,  
Porque vão no próprio atalho,  
Sem ouvir nossos apelos.



Finalmente, a formatura!  
Após a batalha dura,  
Há uma pausa de brandura,  
O filho virou doutor!  
Esquecemos o passado,  
Do trabalho desbragado,  
Porque o menino formado  
Merece agora louvor.

Não terá, porém, sossego,  
Vai ser difícil o emprego,  
E os que lhe temos apego  
Sofremos junto ao herdeiro,  
Que há de ficar irritado,  
Porque está ruim o mercado,  
Mesmo para o diplomado,  
Se for o emprego primeiro.

Eles pedem experiência  
Que saiba bem da ciência  
Da qual, com sua competência,  
Trouxe o canudo da escola.  
Mas o pior, minha gente,  
Para enfrentar o batente  
Tem de aceitar, bem contente  
Salário menor que esmola.

Chega, enfim, o casamento!  
O patrão lhe dá um aumento,  
Porque o nosso rebento  
Vai ser chefe de família.  
Então se ouve o ditado:  
Que o enlace consumado,  
Não levou o filho amado,  
Deu de presente uma filha.

Mas essa estranha no ninho,  
Que vai nos dar um netinho,  
Recebe o nosso carinho  
E nos passa para trás.  
Perdemos a importância,  
Nossa insignificância  
Se mostra até na arrogância  
Do nosso belo rapaz.

Importante agora é a amada.  
A mãe passa a ser criada,  
Porque sogra é mal tratada,  
Não é parente, é castigo,  
Já diz o vulgar ditado.  
O pai vira um empregado,  
Porque já velho, coitado,  
Não serve mais como amigo.

Mas seja lá como for,  
Nada macula o amor,  
Pois ninguém guarda rancor.  
Enquanto a velhice avança,  
Vemos o filho crescido,  
Um genitor e marido,  
Mas é o mesmo que tem sido  
Para os pais: Uma criança!

## **Trovas para reflexão**

Eduque o filho que cresce  
e o cuide a cada momento:  
A moral de quem falece  
não se passa em testamento.

## Hiroshima

Qual tatuagens nas paredes incrustadas,  
Corpos humanos se fundiram no concreto.  
Era u'a mãe grudada ao filho, avó ao neto,  
Quando voavam pessoas, desintegradas.

Partia-se a grávida e com ela ia o feto,  
Naquele dia, entre as piores madrugadas.  
Esvoaçavam as cabeças, decepadas,  
Que de humanas já não tinham mais aspecto.

Aquela arma destruidora escrevia  
Uma das páginas mais tristes. Nesse dia,  
Junto com a bomba era o ódio que grassava.

Enquanto a guerra se servia da ciência,  
Tudo explorava, exibindo prepotência,  
O animal, que habita em nós, se revelava.

## Igualdade

Os mausoléus, no seu exterior,  
Têm como enfeites bronzes e granitos,  
Fazem disputas, querem ser bonitos,  
No monumento erguido em um louvor.

Em cada um, porém, há um sonhador  
Plebeu ou rei, que dava ordem aos gritos,  
Apodrecido, frente aos infinitos,  
Sem ter noção do seu real valor.

Quem só viveu artificialidades,  
Perdeu seus dias nas mediocridades,  
Espere a volta para ter perdão .

Porque a morte, que é triste partida,  
Não é o fim, a eterna despedida;  
É apenas pausa pra meditação.

## Minha mãe

Lavou a mãe a roupa de muita patroa,  
Para nos dar, além do estudo, algum sustento!  
Ela e o marido, corajoso e sempre atento,  
Nos educaram na São Paulo da garoa.

Fui para a escola e ao chegar no encerramento  
Do velho grupo, meu pai comentou, à-toa:  
-Já está estudado este menino. Ela caçoa,  
E diz:-Agora, é o ginásio. Ele atento,

Pergunta a ela:-Como um filho de operário,  
Que nem sequer pode comer com o seu salário,  
Pode estudar? Ouviu, então, surpreso e mudo,

Pois minha mãe lhe respondeu com altivez:  
-Vou arrancar do coração, mês após mês,  
Cada tostão, mas ele vai seguir no estudo.

## Mecanismos da fé

Por muito tempo, ensinaram-nos que a fé  
É exercida visitando-se uma igreja,  
Orando alto, pra que todo mundo veja,  
De preferência em catedrais, nalguma Sé.

O fariseu, bem junto ao muro, ali de pé,  
Fazendo gestos com seu livro, graça almeja,  
Em oração pedia ao Pai: "Dá-me, assim seja".  
Vinham do Norte, Tiberíades, Nazaré.

No entanto, a fé não está no ritual dos templos,  
Porque ela tem de se mostrar mais nos exemplos,  
Em cada ato deste nosso cotidiano.

De nada adianta viver sempre em oração,  
Se só a revolta habita em nosso coração,  
Amargurado, entra ano, passa ano?

## **Já que Deus é puro amor...**

Mata-se em nome de Deus  
Desde que o mundo se fez!  
Esse eterno fanatismo,  
Está de volta, outra vez,  
Como nova inquisição,  
Que deixou triste lição;  
Esses homens vão pagar,  
Sofrer por causar pavor,  
Já que Deus é puro amor  
E nunca manda matar!

As cruzadas já fizeram  
O que hoje Bin Laden faz;  
Em vez de o mundo ir em frente,  
Nós caminhamos pra trás.  
Cada um tem uma crença,  
Isso não faz diferença,  
É livre pra acreditar,  
Mas há que ter seu valor,  
Já que Deus é puro amor  
E nunca manda matar!

Prometer para quem mate  
As benesses celestiais,  
As odaliscas do Éden,  
Com suas danças sensuais,  
É uma terrível mentira,  
Que causará muita ira  
A quem não soube pensar  
E matou como um louvor,  
Já que Deus é puro amor  
E nunca manda matar!

Eu tenho pena do pobre  
Que irá dizer a Maomé:  
-Matei, mas foi por Alá,  
Para mostrar minha fé.  
Há de sofrer no outro lado,  
Ali será condenado  
E por tudo há de pagar,  
Igual ao seu pregador,  
Já que Deus é puro amor  
E nunca manda matar!

E o revoltado suicida,  
Diante de sua consciência,  
Quer recuar, mas não pode,  
Chora, rogando clemência,  
Vê que estava equivocado,  
Foi pelo chefe enganado,  
Pois não há céu pra morar  
Para o infeliz que matou,  
Já que Deus é puro amor  
E nunca manda matar!

## **Trovas para reflexão**

Analisem, eu insisto,  
são de beleza tamanha,  
as lições de Jesus Cristo  
no seu Sermão da Montanha.

Judas vendeu Jesus Cristo  
e foi por pouco dinheiro;  
hoje também se faz isto  
nos templos do mundo inteiro.

## Meu presente de Natal

Meu caro Papai Noel:  
Escrevo-lhe este papel  
Pra contar que sou feliz!  
Não preciso de presente,  
Pois vivo muito contente,  
Tenho até mais do que quis.

Quando eu inda era um menino,  
Do tipo meio franzino,  
Eu não entendia bem...  
E no tempo do Natal,  
Como um garoto normal,  
Pedia um carrinho, um trem...!

Mas o pai, um operário,  
Com aviltante salário  
Apesar do duro embate,  
Só dava balas de mel  
E sua imagem, Noel,  
Pequena, de chocolate.

Nas paróquias do lugar,  
Ia, nas filas, buscar  
Um brinquedo de lembrança,  
Voltava, mirando o céu,  
E me entregava o troféu  
Sorrindo como criança.

Hoje, acabou a ilusão;  
Dispensando os prazeres vãos,  
Pois tenho Deus como amigo.  
Deu-me bons pais de presente  
E seus exemplos, na mente,  
Conservo-os todos comigo.

Diante desses bens eternos  
-meus benfeitores paternos-,  
Dispensio quinquilharia.  
Pra quem tem mais que o sonhado,  
O resto, sofisticado,  
Não passa de ninharia.

Tudo o que brilha, é dourado,  
Quando não acaba quebrado,  
Um dia vira fumaça.  
Eu ganhei a educação,  
O presente que o ladrão  
Não rouba, nem come a traça.

Nasci num berço modesto,  
Mas a cena que eu detesto  
É ver triste, abandonado,  
Um menor numa mansão,  
Que carrega um coração  
Solitário, amargurado...

Console o menino rico,  
Enquanto, Noel, eu fico,  
Rezando como jamais...!  
Ele supõe ter bastante,  
Mas falta-lhe o importante,  
Que é o carinho dos pais.

Eu já tenho o que preciso,  
Alegria e muito juízo  
E fico grato ao Senhor!  
Pode levar meu presente,  
Dê a esse rico carente,  
Que é tão faminto de amor!



## Milagres da fé

Corria o ano de quarenta e três...  
O mundo todo imerso em sofrimento,  
A grande guerra estava em andamento,  
Criança, eu, chorei mais de uma vez!

O pai doente, em grave enfermidade,  
Trazia o estômago todo ulcerado,  
Sofria há um ano, já desanimado,  
Com seus quarenta anos-só-de idade!

A mãe, sozinha, é que nos sustentava,  
Porque o pai era um desempregado;  
Quem nos brindava com o ganho honrado,  
Era mamãe, com as roupas que lavava.

Racionamento havia de sabão,  
De açúcar, pão e de carne, também,  
Não havia óleo, e pra não ir além,  
Faltava tudo naquela ocasião.

A fatia de pão, molhada em banha,  
Foi muitas vezes o nosso alimento,  
Nem ovo ou frango, para um bom sustento,  
Só arroz, feijão, para fome tamanha.

Eu, nem dez anos, inda era um menino,  
Sofria as causas do acirrado cerco,  
Que precisei até catar esterco  
Para ajudar-nos no cruel destino.

O pai e eu seguíamos pelos pastos,  
E ali, os dois, de olhos bem atentos,  
Íamos buscando os montes de excrementos,  
Como recurso pra pagar os gastos.

Tal qual adulto, firme nos meus pés,  
Eu recolhia as sobras de animais  
E as envolvia em alguns jornais;  
Vendia o saco por cinco mil reis...!

Continuava o pai sempre doente...  
Nenhum doutor o seu mal resolvia,  
A cada dia mais emagrecia,  
Nada o curava, nada era eficiente.

Tomava, todo dia, uma injeção.  
O alimento, seu corpo não retinha,  
Jogava-o fora, assim como ele vinha,  
Não esperava pela digestão.

Mas numa noite, Leonor, uma tia,  
Foi ver meu pai, pois tinha uma intenção:  
Encaminhá-lo a um homem, bom cristão;  
Queria que fosse visitá-lo um dia!

Lá foi meu pai até aquele senhor:  
Seu Waldomiro. Estando os dois em pé,  
Pergunta ele ao pai: -Você tem fé?  
-Eu tenho muita, disse ao benfeitor.

Sente-se um pouco. Vou lhe dar um chá  
E nunca mais terá de usar remédios.  
Você será feliz, sem mais assédios,  
Pois as suas dores, hão de aqui ficar.

Uma semana após, já no serviço,  
Comia bem e se recuperava,  
Sua aparência se modificava,  
Meu pai não era mais um enfermiço.

Correu o tempo. Era cinqüenta e sete...,  
Eu completara já meus vinte e dois...!  
Mas só tristeza viria depois,  
A nos ferir. Todo o mal se repete...!

Voltaram as dores e as hemorragias.  
Ia ao trabalho, quase sem comer,  
Voltou a ter penoso padecer,  
Suores frios e duras agonias.

Numa emergência o pai foi operado,  
Na Santa Casa, em nossa capital,  
Mas não puderam debelar o mal,  
Meu pai jamais ficou recuperado.

Era setembro... Junto a primavera,  
Partiu meu pai, no dia vinte e dois,  
Mas grande amor ficou entre nós, pois,  
O bem querer o tempo não altera.

Foi bom, meu pai, nascer como seu filho.  
Gostaria de ser como você,  
E o amor do meu filho merecer,  
Sentir no olho dele o mesmo brilho.

Deus permitiu que, numa moratória,  
Você vivesse até que eu fosse adulto,  
Para que eu, na sombra do seu vulto,  
Pudesse construir a minha história.

Estou seguro que daqui a alguns anos,  
Nesta amplidão eterna dos espaços,  
Nós nos veremos e, trocando abraços,  
Continuaremos nossos velhos planos.

## **Trovas Dispersas**

Ame bastante o seu filho,  
pois dar a luz, só, não basta.  
Se há muita madrasta mãe,  
há muita mãe que é madrasta.

## **Ode aos barbudos**

(Ao radialista Fernando Pessoa)

Tem gente que vive rindo,  
Tem outro que é carrancudo;  
Tem alguém sempre falante,  
Outro que só vive mudo.  
Tem cidadão que é imberbe  
E tem também o barbudo.

Só por se ter barba grande,  
Não se ganha competência,  
Mas ela não atrapalha  
Na pesquisa ou na ciência.  
Só deve ser bem cuidada  
Pra dar melhor aparência.

Quem decide sobre isso  
É a própria criatura,  
Quando analisa o seu tipo,  
Se é magro ou se tem gordura,  
Se é do tipo bem baixinho  
Ou tem maior estatura.

A barba pode ser grande,  
Mas tem de ser bem penteada,  
Ser lavada com "shampú",  
Para ficar perfumada  
E pra dar boa moldura  
Terá de ser bem cortada.

A história registra exemplos  
De muito cantor e atleta,  
Que usava barba bem grande,  
Até nem muito discreta,  
Nem parecia um artista,  
Mais parecia um profeta.

Mas a arte não está  
Na barba curta ou comprida,  
Porque é preciso talento  
Para ser bem exercida.  
Não é cabelo no queixo  
Que dá o destino na vida.

Gente importante já morta,  
Ou que ainda vive barbudo,  
Registram-se aos milhares,  
Mas me limito, contudo,  
A citar alguns exemplos,  
Sem fazer maior estudo.

Bezerra, Espírito bom,  
Sempre ajuda o sofredor;  
O velho de barba branca,  
Que é o nosso professor,  
Podia estar noutra esfera,  
Mas está aqui por amor.

Quem não conhece Moisés,  
Que fez os Dez Mandamentos,  
A maior constituição  
Entre todos documentos?  
Era de barba comprida  
Sacudida pelos ventos.

Até o porteiro do Céu,  
São Pedro, tão amoroso,  
Um fiel servo de Deus,  
Com o seu jeito bondoso,  
Nunca cortou sua barba  
E continua pomposo.

Na mesa da Santa Ceia  
Todo mundo ali tem barba,  
Da comprida, branca ou preta,  
Fazia parte da farda,  
Usada pelos cristãos  
No tempo da velha guarda.

Eneas, o barbudão,  
Tem barba que é um desacato.  
No PT só tem barbudo,  
Mas isso é só pra retrato.  
Porque só vale no homem  
O que ele vale de fato.

Quero falar de José,  
Barba grande, o de Maria,  
Que ganharam um menino,  
Produto da sua cria,  
Que ao crescer foi barbudo  
E ainda o é hoje em dia.

O Homem é Jesus Cristo  
Com sua barba partida,  
Que estando preso na cruz  
Ficou de barba escorrida  
Do suor pelos maus tratos,  
Mas perdoou, ainda em vida.

Só digo, pra arrematar,  
Use barba quem quiser,  
Se não lhe aprovam os homens,  
Talvez lhe goste a mulher.  
E pra agradar quem se ama  
Não há limite qualquer.

## Milagres do casamento

-É de espontânea vontade?,  
Perguntou o sacerdote.  
Ao dizer "sim", eu ganhava  
Por milagre um grande dote,  
Além de uma esposa, um sogro,  
Sogra, cunhados, um logro!  
Um expressivo pacote...

Chegaram alguns sobrinhos,  
Já me chamando de tio,  
E eu, olhando assustado,  
Nem pude dizer um pio.  
Nessa multiplicação,  
Veio gente em profusão,  
Que até me deu arrepio.

Só pedi a mão da moça,  
Para formarmos um lar,  
Criar filhos, criar filhas,  
Aos quais iríamos amar,  
Mas eu entrei numa fria,  
Até uma velha tia  
Comigo veio morar.

Dizem que esse problema  
Se deve à reencarnação,  
Que aproxima o desafeto  
Pra transformá-lo em irmão.  
Devo ter sido uma peste,  
É conclusão incontestada,  
Em face da multidão.

Se hoje estou reclamando,  
É porque eu não sabia  
Que o simples "sim" no altar  
Tanto parente escondia;  
Cheguei a pensar, na hora,  
Em dar no pé, ir embora,  
Fugindo pra sacristia.

Mas o que me segurou  
Não foi somente o papel,  
Mas porque o padre insistiu:  
Que eu fosse sempre fiel,  
Na pobreza ou na riqueza,  
Tendo o pão que está na mesa,  
Gosto de doce ou de fel.

É assim um lar na Terra,  
Este mundo probatório,  
Onde todos nos juntamos  
Para que, num auxílio,  
O forte socorra o fraco,  
Transforme em lar um barraco,  
Faça o céu do purgatório.

Por isso hoje lhes confesso  
Que após feito do susto,  
Já me sinto conformado  
E até aceito que é justo,  
O plebeu tentar ser nobre  
O rico ajudar o pobre,  
Para o fraco ser robusto.

Com um pouco de esperança,  
Carinho e muita bondade,  
Todos vamos conseguir  
Chegar à felicidade,  
Educando filho e filha  
Para fazer da família  
O esteio da humanidade.



## Minha Arca

O mundo está inundado,  
Vamos morrer afogados  
Com tanta corrupção,  
Mas eu vou me encher de fé  
E fazer, como Noé,  
A Arca da Salvação.

Ela vai servir de abrigo  
E penso levar comigo  
Pessoas de todo jeito;  
Um casal pra cada hora,  
Que vou mencionar agora,  
Espero fique perfeito.

Vão dois que façam do riso  
Uma constante, é preciso  
Descontrair, ser feliz.  
Às vezes é conveniente  
Sorrir, irracionalmente,  
Das coisas que o povo diz.

Um casal inteligente,  
Que saiba viver contente  
Sem ter afetada luz,  
De muita sabedoria,  
Mas que viva o dia-a-dia  
Do jeito que fez Jesus.

Outro bem equilibrado,  
Com refino, bem formado,  
Que possa servir de exemplo  
Para os demais que ali estão,  
Ensinando a boa lição  
Como se ali fora um templo.

Desejo um casal de atletas  
E também um de poetas  
Para levar o louvor  
Aos casais que ali estão,  
Lutando, quase que em vão  
Por gestos de paz e amor.

Quero um par com instrumentos,  
Que acompanhe o som dos ventos  
Na melodia da vida,  
Enquanto a arca navega  
E toda gente carrega,  
Cantando na despedida.

Quero um casal que organize  
E selecione, precise,  
A parte de cada um.  
Quero também cozinheiros  
E também dois marceneiros  
Para o serviço comum.

Sei que logo há de chegar  
Quem irá se apresentar  
Pra ser gerente da arca,  
Com um grupo de auxiliares,  
De civis e militares,  
Pra intervir na minha barca.

Eles vão querer mandar  
E os outros vão trabalhar  
Pra sustentar os espertos.  
Vão fazer uma eleição,  
Partidos se criarão  
E hão de brigar, por certo.

Não sei se será vantagem  
Organizar a viagem  
Pra salvar alguns coitados.  
Tenho a impressão que, depois,  
Minha esposa e eu, os dois,  
Vamos ser muito explorados.

Todos vão fiscalizá-la  
E vou ter de penhorá-la  
Para pagar os impostos  
Vão pedir nota fiscal  
Para cada material  
Que nela usei; eu aposto!

Serei um inadimplente  
Vão pôr, imediatamente,  
Minha arca no leilão  
Não sabem que se eu afundo  
Abandonado no mundo,  
Vai junto a tripulação.

Melhor esquecer o sonho  
Coisa de tipo bisonho,  
Sem comparar-me a Noé.  
Ele soube ter capricho,  
Pois salvou somente bicho,  
Não quis homem, nem mulher.

Mesmo assim a sua arca  
Virou logo uma fuzarca  
Até espatifar-se um dia!  
Não quero meu Ararat,  
Melhor deixar como está  
E esquecer a fantasia.

## **Lágrimas Divinas**

A chuva que hoje cai nesta cidade,  
Rega suas plantas, traz inundações,  
Já viajou muito, guarda experiências,  
Molhou cidades, percorreu nações.  
Viveu um tempo em charco poluído,  
Evaporou-se e, após ter subido,  
Incorporou-se a uma nuvem alva.  
De lá desceu, num dia, de repente,  
Chegou ao solo e, água novamente,  
Foi onda em mares, fez lagos formosos,  
Ziguezagueou em meio às profundezas,  
Em furiosas correntezas de rios caudalosos,  
Que tudo arrastam, bichos, mato, terra,  
Para depois subir, evaporada, e repousar na nuvem,  
Pendurada no céu azul que dá moldura à serra.  
Nesse destino, ora gelo, ora água,  
Ora vapor, premida pela frágua,  
Viaja ela alimentando o mundo,  
De um polo a outro, pelos continentes,  
Quem sabe, até, por planetas distantes...  
É podridão no charco ou pureza na mina;  
Sem macular-se, em rocha, é cristalina.  
Nesse roteiro, esquece do amanhã;  
Se banha nobres, se molha mendigos,  
Não se angustia nesse preconceito,  
Só tem amor a estufar-lhe o peito, em atenção à lei.  
A água é o plasma que dá vida à vida.  
Está no sangue que alimenta os corpos,  
Nos vegetais, nas frutas, no suor do lavrador...  
Na lágrima de quem chora e se emociona,  
E na de quem ri com restos de esperança.  
As chuvas são como as almas.  
Sofrem mutações, mas não perecem;  
Á água é a voz de Deus, vem como prece,  
Atende ao homem dá-lhe luz e calma.  
Que nunca falte a mim a água para a vida,  
Mas que eu, também, não perca, nunca, a sede de viver.

## **Como herdeiro e como herança.**

Sou fruto do meu passado,  
Carrego n' alma os pecados  
Dos tempos que fui criança.  
Em meu ser vou me somando,  
Crescendo, me acumulando,  
Como herdeiro e como herança!

Não digo só do menino,  
Quando eu era pequenino,  
Ainda cheio de esperança,  
Pois já fui rei, fui mendigo,  
Em outros tempos antigos,  
Como herdeiro e como herança!

Eu trago conhecimentos,  
Que não são grandes talentos,  
Mas fiz parte da aliança.  
Junto a Moisés, fiz o pacto,  
Tudo aprendi, é um fato,  
Como herdeiro e como herança!

Vou destemido na vida,  
Dou e recebo guarida...  
São os pratos da balança:  
O que é do bem e o do mal,  
O do erro e o da moral,  
Como herdeiro e como herança!

Recordo o sermão do monte,  
Eu bebi daquela fonte  
Toda bem-aventurança,  
Lembro o que ensinou Jesus,  
"Brilhe sempre a vossa luz",  
Como herdeiro e como herança!

Agora, bem mais sabido,  
Mais humilde, evoluído,  
Compreendo essa cobrança,  
Luto para ser bom homem,  
Que só de amor sente fome,  
Como herdeiro e como herança!

Nos arraiais do planeta,  
A situação anda preta,  
E a humanidade já "dança";  
Como estou bastante velho,  
Agarro-me ao Evangelho,  
Como herdeiro e como herança!

Para ter direito a ir  
Para o céu, vou prevenir  
E dar carta de fiança.  
Vou fazer o bem constante,  
Só assim caminho adiante,  
Como herdeiro e como herança!

Não me é claro na retina,  
Nem conheço a minha sina,  
É confusa esta lembrança.  
Mas sei que sou milenar  
E um dia a Deus vou chegar,  
Como herdeiro e como herança!

O progresso é muito lento,  
Não caminha como o vento,  
Por isso é pouca a mudança.  
Porém em algo mudei,  
Não erro mais como errei,  
Como herdeiro e como herança!

Aprendi com nosso Mestre,  
Nas suas andanças silvestres,  
Que de Deus sou semelhança.  
Pois sou seu filho querido,  
Nunca serei esquecido,  
Como herdeiro e como herança!

## **A pregadora**

À sua volta, se unindo em coro,  
Em harmonia, aplacando o choro,  
Anjos amigos sempre estão por perto.  
Moça elegante, de sorriso aberto.

E quando prega o bem, neste deserto,  
Mostra da vida sempre o lado certo.  
E se lhe lançam pueril desaforo,  
Mantém-se altiva, não perde o decoro,

Se externamente é uma mulher catita,  
Quando sua alma enche-se de luz,  
Interiormente fica mais bonita!

Ao iluminar-se, toda vez que fala,  
Um grande amor declara ao seu Jesus,  
Que o doce Cristo, rindo, vem beijá-la.

## **Trovas para reflexão**

Toda ilusão desmedida  
nos cria bastante atraso,  
porque no acerto da vida,  
a data passa do prazo.

## **Não quero crer**

Não quero crer que a vida seja isto...  
Que Deus não possa nos dar algo melhor  
E após banhar-me em lágrimas de choro  
Tudo se acabe e tudo vire pó.  
Não posso crer que após tanto aprender,  
Eu me desfaça perdido no eterno  
E nada mais eu seja, só desapareça,  
E as dores que sofri foram por nada;  
Toda a decência e toda hombridade  
Não valem mais que a desonestidade  
E fui um tolo por manter-me humilde,  
Querendo ser alguém bastante sério,  
Sendo fraterno e tendo por critério  
Servir bem mais do que ser só servido!  
Não quero crer que a vida seja isto...!  
Que ao Criador falte imaginação  
E sendo amor me desse o sofrimento  
Sempre a exigir que eu me arrependesse,  
Que eu perdoasse e tivesse paciência,  
Sem nada dar-me em troca desse esforço.  
Lutei contra tudo o que me assediava,  
Resisti, para ter dignidade,  
Fracassando muitas vezes, porque a vida  
É cheia de armadilhas, de surpresas,  
E até a mais forte pessoa fica indefesa,  
Diante de tantas artimanhas, artifícios,  
Disfarçadas na sensualidade e noutros vícios,  
Quando se luta por ser alma,  
Mas se é vencido pelo corpo tolo...  
Não quero crer que a vida seja isto...!  
Que nunca mais eu veja os meus amigos,  
Que um dia foram os meus benfeitores  
Pra que eu vencesse a dura caminhada.  
Queria um dia poder retribuir-lhes  
Mesmo que seja só com um abraço,  
Quando eu não mais sentir tanto cansaço  
Não mais tiver que lutar contra este mundo.



Eu quero todos esses meus parceiros,  
Mesmo inimigos que, por me odiarem,  
Me permitiram conquistar virtudes,  
Ter complacência, evitar ser rude,  
Resignar-me e aprender a amar  
Ou, pelo menos, tentar suportar  
E entender que aquele que ofendia  
Era um doente ou, naquele dia,  
Eu que o magoei e o fiz sair do sério.  
Só no final da dura caminhada,  
Analisando por muitos critérios,  
Poder-se-á compreender tantos mistérios...  
Nós nos desentendemos sem motivos,  
Porque é o orgulho o que nos deixa altivos;  
Problemas vis nos fazem aflitivos,  
Nos adoecem e até nos destroem.  
Não quero crer que a vida seja isto...!  
Eu estou certo de que uma recompensa  
Há de restar para quem foi decente,  
Sempre lutou por ser amigo e irmão  
E foi sensível ante a dor alheia.  
Quem desculpou e aplacou o sofrimento,  
Terá, então, o reconhecimento  
Do Nosso Pai que há de compensar  
A quem amou os seus filhos benquistos.  
Nisto sim eu quero crer...  
Eu quero crer que a vida seja isto!

## **Trovas para reflexão**

Entardecer é o prefácio  
de mais uma triste noite,  
quando a saudade do amor  
maltrata mais do que açoite.

## **A Barca da Vida**

Não culpe as ondas do mar  
Pela má navegação,  
Aquele que ao navegar  
Não sabe usar o timão.

Quem titubeia, vai torto,  
Não pode seguir adiante,  
Nem leva a um seguro porto.  
A barca e seus tripulantes.

A doce barca da vida,  
Mesmo sendo em noite escura,  
Quando é bem dirigida  
Faz a viagem segura.

Aquele que se apoquenta,  
Ao ver o mar se agitar,  
Suavize a sua tormenta  
Mirando as ondas do mar.

Vela ao avesso, não ice!  
Contra a corrente, não reme!  
Evite qualquer tolice,  
Só assim a barca não treme.

Barca bem grande ou pequena,  
Depende da criatura  
Para que, então, valha a pena  
E se complete a aventura.

Só quem é bom timoneiro,  
Não porta inútil bagagem,  
Leva a barca, em seu roteiro,  
Até o final da viagem...!

## Um novo corpo

Sua barriga cresceu com o passar anos,  
Caíram os seios, toda a gordura espalhou-se.  
Tinha vergonha de passear, fosse onde fosse,  
Pois se sentia a mais feia entre os humanos.

A sua imagem lhe trazia desenganos,  
Muitas tristezas foi só o que a vida lhe trouxe  
Já não podia mais comer salgado ou doce  
E suas roupas cada vez tinham mais panos.

Foi quando então se decidiu por uma plástica  
Para tirar, de uma maneira um tanto drástica,  
O que a afeava. Hoje tem corpo de modelo,

Seu manequim agora é o quarenta e dois,  
Porém a alma não se ajusta a ele, pois,  
Não a cuidou com o mesmo amor e o mesmo zelo.

## Nossa parcela

Quando chegamos, tanta coisa pronta  
Nos esperava para dar conforto.  
Graças àquele que hoje está morto  
Temos prazer, num progresso de monta.

As descobertas, hoje são sem conta;  
O homem as desfruta, quase que absorto,  
Repara mais no que está errado, torto,  
E o que está certo ele sempre afronta.

Hoje nós temos a televisão,  
A informática, além da aviação,  
Avanços médicos, anestesia,

Água tratada, temos saneamento  
E a cada dia chega um novo invento!  
Mas nós, que demos nesta parceria?

## **Nuvens**

Nos desenhos que desvendo,  
À medida em que estou vendo  
Nuvens a se deslocar,  
Imagino o céu, florestas,  
Muitas crianças em festas,  
Vejo até ondas do mar.

Nuvens alvas, nuvens tristes,  
Dos muitos tipos que existem  
Guardando a chuva, caladas,  
Pra despejar pelo chão,  
Na hora da plantação,  
Fertilizando a invernada.

Umas estão muito baixas,  
Outras se encontram em faixas  
De uma maior altitude;  
Vendo os desenhos dispersos,  
Eu vou fazendo os meus versos,  
Regando a minha quietude.

Estratos, cúmulos, nimbos  
Eu olho um cirro, tão lindo,  
E que aos poucos se desfaz...  
Enquanto isso, componho  
Doces poemas e, em sonho,  
Rabisco um pouco de paz.

## **Trovas para reflexão**

Namoro é o vestibular  
para ser feliz depois,  
se o casal, quando casar,  
fizer um, do que eram dois.

## O Cristo de Verdade

Quando entro nas catedrais,  
Onde espero encontrar paz,  
Vejo um Cristo pendurado,  
Numa cruz feita de ouro,  
Que pereniza o desdouro  
De um erro que está gravado.

Mas eu busco um de verdade,  
Não que me inspire piedade  
Traído e preso ao madeiro;  
Quero um Cristo que oriente,  
E que minha alma apascente  
Por me servir de luzeiro.

Meu Cristo é o Cristo Divino  
Igual àquele menino  
Que nasceu na manjedoura,  
Porque aquela criança  
Veio trazer a esperança  
De uma fé imorredoura.

O Cristo que eu necessito  
É um ser calmo e bonito,  
Que não conheceu fracasso.  
Por isso em minha missão  
Eu uso a sua lição  
Para guiar os meus passos.

O Filho do Carpinteiro,  
Vendido no mundo inteiro,  
Por religiosos venais.  
Serve hoje de criado  
E nos templos é usado,  
Em sórdidos comerciais;

Quero o Cristo caminhando,  
Pelas ruas ensinando,  
E não um morto pregado,  
Abandonado e sozinho,  
Com uma coroa de espinhos  
E o peito dilacerado.

Não quero o Cristo suarento,  
Exibindo sofrimento  
Imóvel, quase sem luz.  
Quero vê-lo entusiasmado,  
Tendo o rosto iluminado,  
Como era o Mestre Jesus.

Eu busco o Cristo da paz,  
E não o que ali jaz,  
Jogado como indigente,  
Quero-o de sandália e manto,  
Andando e enxugando o pranto,  
Daquele que está doente.

Meu Cristo é o Cristo de Deus,  
Que ama até mesmo ateus  
Pois faz de homens, irmãos.  
Este é o meu Cristo Jesus,  
Que me orienta e conduz  
Nas lutas da evolução.

## **Trovas para reflexão**

A morte é um nascimento  
da matéria pra energia;  
o inverso daquele evento  
que nos trouxe aqui um dia.

## **E de esperto vira tolo!**

Quem vive trapaceando,  
É a si próprio que engana,  
Pois termina tropeçando  
E até no chão cai da cama.  
Veja o exemplo do ladrão,  
Rouba e nunca tem tostão  
Por maior que seja o bolo  
Porque é um dinheiro maldito  
Que deixa o homem aflito  
E de esperto vira tolo!

Todo tipo de falsário  
Que pensa em levar vantagem,  
Trata o outro como otário  
E vive da malandragem.  
Mas Deus, que tudo acompanha,  
Dá-lhe uma vida tacanha.  
E ao embotar seu miolo,  
O ferra de todo jeito,  
Do mundo perde o respeito  
E de esperto vira tolo!

Só quem vive do trabalho  
Mantendo a dignidade,  
Vai depressa, pelo atalho,  
Onde está a felicidade.  
E ao se deitar, mesmo pobre,  
Conserva a consciência nobre,  
Nunca se envolve num rolo.  
Não é como o que é safado  
Que termina fracassado  
E de esperto vira tolo!

Há uma certa receita  
Para o homem ser feliz:  
Tenha uma vida direita,  
Seja de si o próprio juiz,  
Jamais engane, ninguém,  
A todos só faça o bem,  
Pois seja branco ou crioulo,  
Quem lesa o seu semelhante,  
Nunca consegue ir adiante  
E de esperto vira tolo!

Jesus ao dar a lição,  
Como bem-aventurança,  
Explicou que a solução  
É o homem ser qual criança.  
Ter a pureza de alma,  
Por nada perder a calma,  
Persistir como um monjolo,  
Lutar como um pau-de-arara,  
Senão vai quebrar a cara  
E de esperto virar tolo!

O tempo aqui é passageiro,  
Logo voltamos pro espaço.  
E ao findar nosso roteiro  
Mãe Maria, em seu regaço,  
Vai nos dar serenidade,  
Termina toda ansiedade,  
Teremos nosso consolo.  
Mas pobre do salafrário,  
Que age como um falsário  
E de esperto vira tolo!



## O mapa da Paraíba

O mapa da Paraíba  
É um mimoso cachorro,  
Correndo que só danado  
Descendo e subindo morro,  
Gritando, olhando o sertão:  
-Me ajude, peço socorro.

Se não é cachorro é coelho,  
De orelha um pouco de pé,  
Onde existe Jericó,  
Mais Paulista e Catolé  
Do Rocha, com sua beleza,  
Na orelha voltada a ré.

Pode ser que seja um jegue,  
Procurando uma pastagem;  
Os olhos são em Coremas  
E Cajazeiras. E a viagem,  
Mostra muitas coisas duras  
Porque é grande a estiagem.

Quem sabe não é um bezerro,  
Chorando a morte da vaca,  
Quando viu o retireiro  
Levando sua mãe de maca  
Pra Monteiro, pra Sumé  
Ou mesmo Congo, na pata.

Focinho tá no sertão,  
Bem perto do Ceará  
Ibiara, Conceição,  
Ali, onde água não há  
Só mesmo o rio São Francisco  
Pra regar terras de lá.

Se observarmos um pouco  
Este formato animal,  
Vemos, na testa, que há Souza  
E a tão cantada Pombal,  
Santa Cruz e Uiraúna,  
Distantes da Capital.

Pela garganta ou pescoço,  
Onde se tem macaxeira,  
Taperoá, Livramento,  
Tem Patos e tem Teixeira,  
Onde nasce quem faz verso  
E onde Elizethe é primeira.

Coração está no agreste,  
Batendo na Borborema,  
Onde o clima é menos duro  
E tem seca um pouco amena,  
Esta é uma bela zona  
Da Paraíba pequena.

Na barriga do animal,  
Itabaiana e Pilar,  
Ingá e Juarez Távora,  
Todas bem longe do mar,  
Com Umbuzeiro e Aroeiras  
Pra barriga completar.

No seu lombo fica o brejo,  
Da cana e do abacaxi,  
De Areias e Guarabira,  
De Sapé e de Mari,  
Tem Esperança e Solânea,  
Bananeiras fica ali.

Nova Floresta e Picui  
Ficam na parte de cima,  
Onde a costela aparece  
E onde se encontra Tacima,  
Araruna e mais Cuité,  
Com variedade de clima.

Olhem a pata traseira.  
Tem uma unha sem pelo,  
Tem Jacumã, tem o Conde,  
Mas a unha é Cabedelo.  
Mirem com muito cuidado,  
Só assim se pode vê-lo.

Tem Lucena e a Traição,  
No traseiro do animal,  
E tem a Ponta de Seixas  
Desse belo litoral,  
Que é cantado em prosa e em verso  
É o Brasil mais oriental.

Mais que a miséria, o problema  
É haver rivalidades,  
Em Campina e João Pessoa  
Que são duas grandes cidades,  
E enquanto seus donos brigam,  
Sofrem as comunidades.

Caro povo paraibano,  
Tenha amor, muita união,  
Ninguém se sinta inferior  
Porque é de Deus o sertão  
E se o sul é bem mais rico  
Também tem mais confusão.

Desculpe ter comparado  
Esta nobre Paraíba  
A um pequeno bichinho  
Indo pra baixo e pra riba,  
Mas eu sei que ela é nobre  
Como é o pinho-de-riga.

Quando eu olho e vejo o mapa,  
Eu tenho até a impressão  
Que esse animal que a retrata  
É um bicho de estimação,  
Que eu carrego no colo  
Com muita satisfação.

## **Trovas para reflexão**

Se a mãe que não deu a luz  
oferecer muito afeto,  
o adotivo a seduz  
como seu filho dileto.

Nas leis da reencarnação,  
as quais não muda quem quer,  
homem que é muito machão  
um dia nasce mulher.

Disse Jesus à mulher,  
eu não esqueço jamais,  
vai para onde quiser  
mas não peque nunca mais.

## O Sócio 69

Deixei a grande São Paulo,  
Minha terra da garoa,  
Vim morar na Paraíba,  
Na capital, João Pessoa.  
Andando muito à vontade,  
Fui conhecer a cidade,  
A começar da Lagoa.

Rumando pro Varadouro,  
Avistei a Academia.  
Bati, seu Chico atendeu,  
Porque ela estava vazia,  
Mas deu-me toda atenção,  
Fornecendo orientação  
Para eu voltar noutro dia.

Pouco mais de uma semana,  
Voltei. 8 de novembro,  
Era um sábado à tarde,  
Data que eu sempre relembro.  
Lindalva me recebeu,  
Logo Zilma apareceu...  
Depois, tornei-me seu membro.

-O senhor é um poeta?  
Alguém fez a indagação.  
-Não, eu inda sou aprendiz,  
Respondi, de coração.  
Mas antes de ir embora  
Já quase no fim da hora,  
Fiz minha apresentação.

Cantei no verso a cidade,  
Falei do sol, da beleza  
E como foi generosa  
Com ela a mãe natureza.  
Por ver-me muito aplaudido,  
Fiquei todo embevecido,  
Confesso com singeleza.

No dia 8 deste mês,  
Que cai na segunda-feira,  
Festjarei meus dois anos  
De lazer e brincadeira,  
De escutar muita poesia,  
E de ouvir a melodia  
Que cantam Jorge e Silveira.

Foi bom ter chegado aqui  
E ter sido bem aceito,  
Pois Da. Helena e os poetas  
Me ofereceram seu preito.  
Meu obrigado a vocês,  
Lhes digo mais uma vez,  
Com o mais profundo respeito.

## **Trovas para reflexão**

Frente ao balanço do mar,  
os meus sonhos fazem rondas,  
nas estradas que o luar  
constrói por cima das ondas.

Muito tem que renunciar,  
a donzela que quiser  
ser mãe e se realizar  
na função de uma mulher.

## Gestos lamentáveis

Vejo um pedinte vindo em minha direção.  
Logo me apresso em disfarçar, fechando a cara,  
Nem me dou conta que ali está uma chance rara  
De eu demonstrar que tenho amor no coração.

O pobre ser, mostrando angústia e em aflição,  
Vê em mim mais um que também foge e não o ampara.  
Por onde passa, é sempre corrido à vara...  
Entristecido, vê quão frios os homens são!

Pesa a consciência, busco sanar o mal feito,  
Porém o homem já se foi, não tem mais jeito.  
Sou um insensível, já esqueci do que sofri...

Quem sabe era essa figura em desespero,  
Mestre Jesus, que ao constatar meu destempero,  
Vai-se dar conta que do bem nada aprendi.

## Marcos da humanidade

Que maravilha é o Taj-Mahal,  
Que lá em Agra, na Índia, se ergueu  
É mais bonito esse Mausoléu  
Que o de Mausolo, já monumental.

Ele é um marco de um feliz casal!  
O imperador o fez quando perdeu  
A esposa amada, Mahal, que morreu  
E ali a pôs em repouso eterno.

Vidas de amor nos deixam monumentos,  
Que perenizam relacionamentos  
Com seus registros para a eternidade.

Porém o que mais une os corações  
Não são suntuosas edificações,  
Mas o amor puro da simplicidade.

## **O pedinte da Lagoa**

Com seu amplificador  
E um microfone acoplado,  
O velho e triste aleijado  
Mostra a todos sua dor.  
Como um mendigo qualquer,  
Pede: -Dê-me o que puder,  
Rogo-lhe em nome do amor.

Muita gente dá risada  
Dessa tecnologia,  
Mas se gritar todo o dia,  
Laringe fica estourada,  
Pois se usar só a garganta  
Dali não mais se levanta  
Fica sem voz e sem nada.

-Ajude um pobre coitado,  
Grita esse cego esmoler.  
-Preciso ser amparado  
Eu tenho filho e mulher...!  
Aceito desde um trocado,  
Até um cheque pré-datado,  
Ou outra esmola qualquer...!

Cartão Visa, Mastercard  
Se tiver também aceito.  
Digo com muito respeito,  
Pois já está ficando tarde,  
Tanto tempo aqui no chão  
Acredite, meu irmão,  
O meu traseiro já arde.



Por sofrer o dia inteiro,  
No microfone eu suplico:  
-Um real do seu dinheiro,  
Não o fará menos rico,  
Deixe eu matar minha fome,  
Porque você sempre come;  
Agradecido lhe fico.

Pergunto em minha aflição:  
-Que é que eu faço no mundo,  
Com um corpo vagabundo  
Sem saúde ou emoção,  
Quebrado e, o pior de tudo,  
Embora não seja mudo,  
Só vive na escuridão?

Minha voz corre no vento  
Imploro:-Dê-me um auxílio,  
Faça em nome de seu filho,  
Porque Deus sempre está atento.  
A sua felicidade,  
Depende da caridade  
Que faça a todo momento.

Nunca recebo carinho!  
Essa multidão que passa,  
Não vê a minha desgraça,  
Desamparado e sozinho.  
Todo mundo anda com pressa,  
Sem se dar conta, ora essa,  
Que só Jesus é o caminho.

Foi Ele quem ensinou,  
Dizendo que teve o amparo  
De seus irmãos, muito caros,  
Quando a dor o visitou,  
Quando esteve adoecido,  
Ou prisioneiro e sofrido,  
Até que a cruz o matou.

-Disse, também, quem fizesse  
À criatura pequena,  
Tornando-lhe a dor amena,  
Dando-lhe um pão e uma prece,  
Era a Ele que o faria...!  
Agora é a hora, é o dia,  
Me ajude! O Cristo agradece!

## **Moisés**

Conta uma história, que no Rio Nilo  
Foi encontrado, um dia, um menino,  
Que, ante o mundo, trazia o destino  
De revelar segredos e instruí-lo.

O seu papel, já desde pequenino,  
Foi preparar-se em Deus e então segui-Lo,  
Mas não consigo acreditar naquilo,  
Mesmo aceitando que era um ser divino.

Nenhuma mãe ousa jogar num rio  
O próprio filho; terá calafrio,  
Só de pensar que ele corre perigo.

Traz esta história uma absurdidade,  
Ou foi preciso esconder a verdade,  
Para que a mãe lhe desse o seu abrigo.

## **Trovas para reflexão**

Lar e casa é diferente.  
Casa é a parede e o teto,  
lar é a família contente  
que se quer bem, sente afeto.

## Às águas do rio

Bem no alto da Canastra,  
Serra de Minas Gerais,  
Nasce o belo São Francisco  
A mil metros, talvez mais!  
Traz bênçãos pra muita gente  
Porque vai, desde a nascente,  
Dessedentando os quintais.

São dois mil e novecentos  
Os quilômetros que corre.  
O rio vai serpenteando  
Depois, no mar, ele morre,  
Mas antes de se juntar  
À salgada água do mar,  
Muita gente ele socorre.

Logo depois de nascido,  
Forma um grande caldeirão,  
Chamado Casca da Anta,  
Que lhe faz a divisão  
Em duas seções navegáveis.  
E com formas agradáveis,  
Segue ao norte em direção.

O caudal do Velho Chico,  
Da Usina das Três Marias,  
Forma a grande Paulo Afonso,  
Cachoeira da Bahia.  
Segue depois, orgulhoso,  
E bem tranqüilo e piscoso  
Vai molhando as pradarias.

Quem olha junto ao seu curso,  
Vê lavouras, muito gado,  
Seja de leite, ou de corte,  
Pra ser comido ou exportado.  
Os vizinhos desse rio  
Jamais sentirão fastio  
Porque é rio abençoado.

Após cortar a Bahia,  
Banhando muitas cidades,  
Lambe o sul de Pernambuco,  
Deixando alguma umidade,  
Prega um beijo em Petrolina,  
E na viagem matutina,  
Segue deixando saudade.

Antes de morrer divide  
Sergipe das Alagoas,  
Onde há quem plante comida  
E quem pesque de canoas.  
No final, sempre romântico,  
Joga-se feliz no Atlântico  
Com borrifos de garoas.

Pena que há estados sofridos,  
Que não têm a mesma sorte,  
Pernambuco, Paraíba,  
Ceará e Rio Grande do Norte;  
Em face do seu tormento,  
Rogam só cinco por cento  
Das águas que vão pra morte.

Por vasos comunicantes  
Terras iriam irrigar,  
Viajariam por transferência,  
Não se perderiam no mar.  
A seca seria mais mansa  
E nasceria a esperança  
De ali poder-se plantar.

Os rios são patrimônios  
De todos. É a natureza  
Que o Pai, Criador bondoso,  
Nos deu por delicadeza.  
Presidente, por clemência,  
Bote a mão na consciência,  
O povo quer pão na mesa!

Não faz sentido um país  
Que tem água em quantidade,  
Ver grande parte dos seus  
Vivendo em dificuldade.  
Se foi Deus quem fez o rio  
Porque sentir calafrio,  
Ter tanta dificuldade?

Quero um dia agradecer,  
Para tanto me desvelo...  
Mande um pouco desse azul  
Eu rogo, insisto e apelo,  
Acabe logo com as mágoas  
Reparta melhor as águas,  
No solo verde e amarelo.

Um Brasil com eqüidade,  
Bonito e cheio de graça,  
Terá irmãos nos seus filhos  
Seja branco, preto ou aça,  
Pois, pantaneiro e sulista,  
O do sudeste e o nortista,  
São todos da mesma raça.

## **São Francisco**

Não falo do santo de Assis, nem do outro. Refiro-me ao maior rio totalmente brasileiro, com 2900 quilômetros de extensão, que nasce na Serra da Canastra, Minas Gerais, corta toda a Baía, dá um beijo em Pernambuco, para depois dividir Alagoas e Sergipe e perder-se na imensidão do Atlântico. Ali, despeja incalculável quantidade de metros cúbicos de cobiçada água, a cada segundo.

Enquanto esta água é jogada no mar, para depois evaporar-se e retornar pela chuva que cai onde ela existe de sobra e provoca enchentes, grande parte do nordeste brasileiro só tem para beber a água das próprias lágrimas, quando chora, junto aos filhos, diante dos animais morrendo de fome e de sede, porque a planta não consegue ficar em pé para gerar o alimento. E com apenas cinco por cento dessa água, muita coisa mudaria.

Os governos apregoam a boa distribuição da riqueza. O pobre hoje, dizem eles, come melhor, porque há estabilidade econômica. O Congresso Nacional, comemora que nunca votou tantos projetos. Mas tudo é fumaça para embaciar-nos o olhar. A sede continua matando o sertão do continente Brasil. Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, pedem socorro.

Os governantes deveriam aconselhar-se com quem entende. Em Israel, os desertos são fertilizados e os rios, perenizados. Fazendas produzem legumes, verduras e frutas. Até com excedentes para exportação. Apesar de ter dimensões pequenas, é um país com problemas iguais aos nossos.

Na França, há quilômetros de canais artificiais, em extensão quase igual ao dos rios. Isto deixa o país auto-suficiente na produção de comida. Lá, o agricultor é respeitado tanto quanto o doutor e o industrial.

Na Holanda, existe o Ministério das Águas. Com a construção do grande dique, para aumentar a área do país, e com a dessalinização das águas por vegetação e renovação pelas chuvas, foi aumentada a área de cultivo. O país tem excedente agrícola e o rebanho com maior número de cabe-

ças per capita. O gado é famoso e há vacas que chegam a produzir 4000 litros de leite por ano.

Nosso sertão não tem mar e os poucos regatos morrem de sede pela falta da chuva. Mas nas imediações dessa miséria, joga-se fora extraordinário volume de boa água, porque o homem se fez dono da natureza.

Os governos dos estados por onde o rio passa, consideram-se proprietário dele e o governo federal não se sensibiliza diante do sertanejo cuja face está mais enrugada e rachada do que o solo onde ele pisa. O rio São Francisco pertence à União. Portanto, o rio é de todos e cabe ao presidente da República decidir sobre as suas águas, sem prender-se a jogo de interesses miúdos. Ele representa o povo. Ou deveria!

Temos pastas inúteis neste país e não temos o Ministério da Hidrografia para cuidar desse bem precioso que a cada dia escasseia no planeta. Somos privilegiados porque temos a maior bacia do mundo e não sabemos cuidá-la.

Se o governo não tem coragem ou capacidade para resolver o problema, faça o que tem feito com as siderúrgicas, com as empresas de comunicação, de eletrificação, entre outras. Entregue o rio São Francisco aos particulares. É isso mesmo: PRIVATIZEM O RIO SÃO FRANCISCO. Só assim ele irá banhar o sertão e ainda dará lucro a quem resolver adotá-lo como ramo de negócios. Serão os aguadeiros de gabinete, com capital aberto e ações nas bolsas. E como diversificação do negócio, furem poços. Temos grandes reservas. A água só precisa ser garimpada.

Se dermos às águas a atenção que damos aos vinhos, aos uísques e às cachaças, porque pagam IPI e mais cinquenta impostos, haverá menos miséria neste país que tem de tudo, mas não conta ainda com um gerente que saiba dividir corretamente a sua riqueza, entre os seus legítimos donos.

Diante da incompetência e má vontade, insistimos:  
**PRIVATIZEM O RIO SÃO FRANCISCO!**

Nota-Texto publicado no jornal O Norte, João Pessoa-PB, de 6 de janeiro de 1998, com pequenas correções.

## **Semana nada de santa.**

Será que é amor de fato  
O que mostram os beatos  
De Nova Jerusalém?  
Melhor não fizessem isto,  
Não mostrassem Jesus Cristo,  
Sentindo ódio de alguém.

O espetáculo profano,  
Repetido a cada ano,  
É confundido com arte,  
Mas é uma grande heresia,  
Um ato de grosseria  
Que se vê por toda parte.

Gastam diversos milhões,  
A fim de que as multidões  
Vejam matar Jesus Cristo.  
É um sadismo que espanta,  
E em toda semana santa  
Os homens repetem isto.

Esse cenário banal,  
Hoje, com astros global  
Já invadiu nossa cidade,  
Para que o povo e os turistas  
Aplaudam esses "artistas"  
Gritando com leviandade:

Lindo, gostoso, tesão,  
Que soam como agressão  
E formam um quadro triste,  
Banalizando esta Terra  
Em mais um ato da guerra,  
Que pelas ruas se assiste.



Um é o artista orgulhoso,  
Por ser o Cristo formoso,  
Sangrando, peito ferido...  
Outra importante na cena,  
Faz Maria Madalena  
O Espírito arrependido.

Tem aquela que é Maria  
Que assiste à agonia  
Do filho pregado à cruz.  
Peço, pelo amor de Deus:  
Vocês, oh! cristãos ateus,  
Parem de matar Jesus.

## Presente da luz

No ar, flutua um verso não cantado,  
Do Parnaso do Além, que nos inspira...  
Entrelaça-se ao ar que se respira,  
Já está pronto, perfeito, até rimado!

No ar, enquanto a Terra gira, gira,  
E o sol nos olha, calmo e deslumbrado,  
Vem a lua encantar o namorado,  
O infinito entroniza a minha mira.

No ar, fui um mistério que inebria,  
De fluidos, da mais doce companhia:  
Os versos celestiais que trazem luz.

No ar, esse poema ainda sem dono,  
Toma-me o coração, durante o sono,  
Na hora em que converso com Jesus.

## **O Grande Mar**

Uns o conhecem como o Mar da Galiléia;  
Outros o chamam Lago de Genesaré,  
De águas azuis, onde o Senhor ficou de pé  
E o pescador sentiu no peito uma apnéia...!

Mar Tiberíades, muito longe da Judéia,  
Próximo ao Monte do Sermão dito com fé,  
Onde ensinava o Bom Jesus de Nazaré,  
Enquanto os barcos balouçavam qual geleia.

Ali, o Cristo fez calmar a tempestade  
E flutuou, para mostrar à humanidade,  
Como é possível caminhar por sobre o mar.

Porque esse mar é a multidão materialista,  
Sempre infeliz, pois raramente é altruísta,  
Só tem ganância e nada a pode contentar.

## **Gesto de mãe**

Regava eu nosso jardim, descontraído,  
E o meu trabalho estava quase terminado,  
Mas, de repente, vejo um potro, bem suado,  
Junto a uma égua; era a mãe que o havia parido.

Por sobre o muro, coloquei, direcionado  
O jato d'água, sobre o chão tão ressequido.  
O cavalinho ali chegou e eu, embevecido,  
Observava-o a beber do respingado.

Logo depois foi-se chegando a mãe, a égua,  
Bebeu também aproveitando aquela trégua  
Que se instalara entre mim e aquele bicho.

Alteando o beijo relinchou e me sorriu.  
Dessedentada, passo calmo, ela saiu,  
Olhando o filho inda a beber a água do esguicho.

## Homem em prece

Causa-me mal, e até preocupação,  
Sempre que vejo uma criança aflita  
Que de mãos postas, e muito contrita,  
Envia aos céus, chorando, uma oração.

Porém se vejo algum filho que habita  
Um doce ventre em plena gestação,  
A mãe que ora me causa emoção  
E a gravidez a deixa mais bonita.

Mas quando um homem, cheio de vigor  
Procura Deus, que o ouve com interesse,  
Ao ajoelhar-se, orando ao seu Senhor,

Ele transcende e a fé demonstra tino,  
O Pai o abraça, e na sentida prece,  
O brutamontes volta a ser menino.

## Dimensões

Menor, muito menor, que um grão de areia  
É o homem mergulhado no universo.  
Mas ele, infelizmente, pensa o inverso  
O assim vai se enrolando em dura teia.

Por isso, Deus lhe fala, volta e meia:  
-Por que não faz do jeito que Eu lhe peço.  
Iria evitar tanto tropeço  
E a vida não seria assim tão feia...!

Menor, muito menor, que a gota d'água  
Que escorre pelo pranto, e causa mágoa,  
É este ser humano, homem tacanho.

Mas como ele é ainda um aprendiz,  
Um dia chegará a ser feliz,  
Quando souber, ao certo, o seu tamanho.

## **Ilusões**

Muitos cavalos se espremiavam no motor  
E assim a máquina ganhava mais potência,  
Mostrando ao mundo novo avanço da ciência!  
Tinha, ao volante, um novato condutor,

Que aborrecia a todos sem qualquer clemência,  
Pois se iludia que era exímio corredor;  
Ia nas ruas, sempre com grande furor,  
A demonstrar ao mundo sua competência.

Acelerando, ele era o rei das avenidas;  
Sem ter respeito, ele não tinha amor à vida  
Se comportava como um jovem imaturo.

Infelizmente, viu-se o óbvio ocorrido  
E o grande ás, embora fosse advertido,  
Viu sua sorte terminar de encontro ao muro.

## **Questão de fé**

Já morre o sol e vem descendo a noite escura...  
O belo Mar da Galiléia, ondulante,  
Se choca com Cafarnaum e, logo adiante,  
Vai retornando a Tiberíades...! Com ternura,

Abraça o barco, onde na pesca em lida dura,  
Vê-se cansado o persistente navegante,  
Que lança a rede e sempre espera confiante,  
Orando a Deus. A esperançosa criatura,

Vê sobre as ondas flutuando estranho vulto,  
Iluminado, que lhe causa algum tumulto,  
E deixa os homens, todos, de cabelo em pé.

-Caminhai, Pedro, sobre o mar, convida a luz!  
Mas, afundando após tentar, diz-lhe Jesus:  
-Pobre de vós, como é pequena a vossa fé...

## Somente hoje

Somente hoje, não terei medo da vida,  
Para não ter impedimento em ser feliz.  
Eu sorrirei, como um ator, como uma atriz,  
Ninguém verá uma só lágrima escorrida.

Somente hoje, vou viver sob a guarida  
Do meu presente, sem sentir-me um infeliz,  
Sem o amanhã, com suas surpresas sutis,  
Imprevisíveis. Porque a luta que é sofrida,

Não me deixou ser mais alegre, e eu podia,  
Se eu vivesse um só dia a cada dia,  
Sem aflições, cuidando só do que interessa.

Se eu não conheço o que reserva o amanhã,  
Vivo o agora, não me agasto noutra afã,  
Pois vem a morte e leva toda a minha pressa.

## Um lar

A minha casa é toda de madeira,  
Ela é bonita e encanta muita gente;  
Um alpendre lhe toma toda a frente  
Onde sento pra ler, numa cadeira.

Bem mais ao fundo há uma churrasqueira,  
Fruteiras e gramado, onde contente,  
O sabiá busca o bicho que o alimento...  
Tem acerolas e uma romanzeira,

Muitos ciprestes, onde os passarinhos,  
Bicos-de-lacre, rolas e sebinhos,  
Fazem seus lares, tal qual arquitetos.

O lado externo eu descrevo assim,  
Mas o meu verso não pode ter fim,  
Sem que eu diga que dentro existe afeto.

## Uma luz no lar

São tão bonitos estes móveis desta sala!  
É o terraço, então! É de muito bom gosto!  
Eu observo que você, sempre disposto,  
Enfeita o lar. Isto é o que todo mundo fala...

A cada dia lhe incorpora um novo aposto,  
Porque está sempre atualizado nesta escala,  
Quer coisas novas para a casa. Decorá-la,  
Traz-lhe alegria que reflete no seu rosto.

Uma beleza tudo isso! Mas o mal,  
É que nenhuma construção espiritual  
Se observa melhorando as relações.

Todos são tristes e as brigas a constante,  
Pois se na casa material gasta bastante,  
Nunca investiu para enfeitar os corações.

## Doença implacável

Sinto-me enfermo, doutor. A doença  
Que é progressiva e é irreversível,  
É a velhice, sempre tão terrível,  
Que me conduz à sua fatal sentença.

Tenho ainda alento, porque a minha crença  
Tem me ensinado que é preferível  
Sofrer calado, sempre em alto nível,  
Porque depois se colhe a recompensa.

Estou morrendo desde que nasci,  
E hei de nascer ao supor que morri,  
Porque é direito o que parece torto!

É curta a infância e é árdua a velhice,  
Mas lhes garanto, e não é uma crendice,  
Hei de nascer tão logo esteja morto.

## **A lenda de Adão e Eva**

Deus fez do barro um boneco  
Soprou e nasceu Adão  
Tirou dele uma costela  
Sem fazer operação  
Dela fez sua parceira  
Foi Eva, a mulher primeira,  
E nasceu a confusão...!

O Criador disse a ele:  
-Trate Eva como irmã.  
Mas Adão, muito ansioso,  
Logo avançou na maçã  
E pela falta de juízo  
Perdeu o seu Paraíso  
Pra viver vida pagã.

Casou-se depois com Eva  
Tiveram Caim e Abel  
É o que nos ensina a Bíblia,  
Está escrito no papel.  
Mas Caim matou o irmão,  
Numa covarde agressão,  
E começou a babel.

A história é meio esquisita,  
Não segue linha nem fio,  
Se eram só Adão e Eva  
Mais Caim, formando o trio,  
Não entendo, de verdade,  
De onde vem a humanidade,  
Se o mundo estava vazio.

Uns versículos abaixo,  
Diz a Bíblia que Caim  
Largou de vez a família  
E foi se encontrar por fim  
Com uma mulher, se casando,  
E Henoc procriando,  
Mas não me convence a mim.

Se o mundo só tinha os três  
Caim, mais Eva e Adão.  
Onde encontrou a mulher  
O assassino do irmão?  
Esse conto é alegoria,  
Não passa de fantasia,  
Conversa de religião.

Adão foi representante  
Eu penso, de uma das raças,  
Mas outras também viviam  
Muito longe, noutras praças.  
Caim casou com a estrangeira,  
Que era, da mesma maneira,  
Como Eva, cheia de graça.

Há homens de todo jeito:  
Há preto, branco e amarelo,  
Alguns que são muito feios,  
Enquanto há outros mais belos;  
De onde veio tanta gente  
De rosto e cor diferente  
Se digladiando em duelos!?

A Terra não começou  
De Adão e Eva somente  
A raça humana nasceu  
De muitas outras sementes  
Atlantes, lemurianos,  
Gente como os arianos,  
Mas um pouco diferentes.



Seis mil anos se passaram  
Do tempo que Adão nasceu  
Ou foi feito pelo Pai,  
Que o soprou e ele cresceu.  
É pouco tempo esse prazo,  
Nada se fez por acaso  
Nem o cristão nem o ateu.

Houve muitos cruzamentos  
Dando raças derivadas,  
Juntando branco com preto  
Nascendo miscigenadas  
As nossas belas mulatas,  
Todas elas autocratas  
Na ginga e na rebolada.

Eu sei que vêm de outros mundos  
Para aqui crescer as almas,  
Porque todas são de Deus  
E todas merecem palmas,  
Pois sempre temos recurso  
Pra acelerar o percurso  
Se mantivermos a calma.

Para fechar esta história  
De ficção, sem sentido,  
Deixo aqui meu desaponto  
Por nunca haver compreendido  
De onde veio tanta gente,  
Sem ser amigo ou parente,  
Embora digam ter sido.

## **A jóia e o algodão**

Eu não pretendo ter grande importância,  
Ser expoente, ganhar projeção,  
Ou adulado, em consagração,  
Pois sei da minha insignificância.

Não quero ver-me preso à jactância,  
Porque não cabe no meu coração;  
Eu quero apenas ser como o algodão:  
Protege a jóia, mas não tem ganância.

Desejo ser um apaziguador,  
Mas não espero merecer louvor,  
Nem um destaque, porque nada encerra.

Eu quero ser um auxiliar de Deus,  
A melhorar o mundo, não pros meus,  
Mas para todos, na sofrida Terra.

## **Súplica do Idoso**

Me ampare neste resto de futuro...  
Eu já fui jovem, tive o meu vigor,  
Mas sempre soube oferecer amor  
Aos que, famintos, comiam do monturo.

Não que eu me sinta hoje um sofredor,  
Pois se na vida tive de dar duro,  
Faço um balanço, quando então apuro  
Que fui feliz, dou graças ao Senhor!

Só não consigo caminhar direito...  
Não se impaciente, isto não é defeito,  
É que meu tempo está chegando ao fim.

Tenha comigo um pouco de paciência  
Pois na reação da ação, diz a ciência,  
Irá colher o que plantar em mim.

## Antes que o galo cante

Devo alertar-te que ao estar entre os doutores,  
Eu, pescador, ainda por ti serei negado.  
Tu, tendo medo, haverás de, desesperado,  
Sair fugido, estando Eu em meio às dores...

E quando ao Átrio de Pilatos, ali fores,  
Ao te indagarem:-Conheces o condenado?  
Responderás, antes de o galo ter cantado:  
-Não, não conheço, lhes garanto meus senhores!

E o frágil Pedro foi assim advertido,  
De que, apesar de com Jesus ter convivido,  
Iria negá-Lo por três vezes num só dia...

Mas ninguém julgue o grande apóstolo indeciso,  
Porque entre nós inda hoje será preciso  
Ter muita fé para vencer tal covardia.

## Provações (Ato 1)

Fins de semana! Esquentando o miolo,  
Meses a fio, na Vila Maria,  
Fez o meu pai, lá na periferia  
Nossa casinha: tijolo a tijolo.

Todo domingo lá estava e comia  
Pão, mortadela, café, leite e bolo.  
Dinheiro pouco, mas, para consolo,  
Viu, finalmente, a sua moradia.

Chegou o dia da nossa mudança:  
O pai, a mãe e o meu irmão criança  
E eu lá fomos, em um caminhão.

Descarregando, ouvi um grande barulho!  
Olhei a casa, era um monte de entulho,  
Raio malvado jogou-a no chão...!

## **Poder e não poder (Ato 2)**

Irmãos sem terra estão invadindo propriedades  
E, em sua defesa, alegam falta de alimento,  
Dizem não ter o elementar para o sustento  
E, pouco a pouco, tomam conta das cidades.

Numa saudade, eu então volto no tempo,  
Lembro meu pai e lhe admiro as qualidades!  
Um novo lote comprou, com dificuldades,  
E, devagar, fez nova casa sem lamento...

Depois de pronta a obra ele a escriturou,  
Fez-se seu dono de verdade, e se orgulhou,  
Por conquistá-la com suor e muita raça.

Hoje o que falta é só um pouco de vergonha.  
A humanidade, a cada dia mais bisonha,  
Só quer moleza e conseguir tudo de graça.

## **Trovas Dispersas**

A lembrança do passado  
não a quero a toda hora,  
porque só posso viver  
no tempo em que eu vivo agora.

Má sorte é bilhete em branco,  
porque não foi premiado.  
Mais triste é o bilhete azul  
do empregado dispensado.

## Odisséia em João Pessoa

Com vinte mil de sinal,  
Comprei um apartamento,  
Dei mais oito prestações,  
Saldadas no vencimento,  
Porém a firma não entrega,  
Porque a justiça, que é cega,  
Protege o mau elemento.

Já movi até um processo,  
E reclamei no Procon,  
Todos se comprometeram  
A acertar a situação,  
Mas na hora da verdade,  
O cinismo e a leviandade  
Barram qualquer solução.

Quem me vendeu esse imóvel  
Goza de muito conceito  
E devido à boa fama  
Nem precisa ser direito.  
Faz festas pra todo mundo,  
Porém sabe, lá no fundo,  
Que não age com respeito.

Não menciono o nome dele,  
Guardo a mágoa só pra mim,  
Mas, um dia, lhes direi  
Depois que chegar ao fim,  
Lá, no meu apartamento,  
Contarei meu sofrimento,  
Juro, tintim por tintim.

Esse grupo, em João Pessoa,  
Gente do tipo arbitrário,  
Recebe, mas não entrega,  
Faz todo mundo de otário  
Eu também fui iludido  
E ando muito aborrecido,  
Pelo conto do vigário.

O pior foi que, inclusive,  
Por acreditar no tal,  
Vendi a casa onde eu morava  
E assim me dei muito mal,  
Recebi, não entreguei,  
Mas ao dono não neguei  
O seu direito real.

Dei-lhe logo a escritura  
Da posse definitiva,  
O que não se deu comigo,  
Porque cheio de evasiva,  
O vendedor procrastina  
E o direito subestima  
Não cumprindo a tratativa.

Por ter medo de um enfarte,  
Pois sofro de hipertensão,  
Busquei alguma maneira  
De acabar com a agitação;  
E, assim, com desprendimento,  
Aluguei um apartamento  
Pra resolver a questão.

Foi com essa providência,  
Confiando no porvir,  
Que pude me acomodar  
E fui ali residir;  
Entreguei a casa ao dono,  
Já não mais perco o meu sono,  
Agora posso dormir.

Reclamamos da violência,  
Mas quem os outros maltrata  
É também um terrorista,  
Fingido de magnata,  
Porque a esperada paz,  
Acreditem, não se faz  
Com truculência e bravata.

Tudo aquilo que alguém ganha  
Agindo como um meliante,  
Precisará devolver  
Agora ou mais adiante.  
E, o pior, lá no futuro,  
Terá de pagar com juro,  
Não será mais petulante.

Mas esses tipos que pensam  
Que tudo podem comprar,  
A justiça, os empregados,  
Até as pessoas do lar,  
Dirão, lá, na frente, um dia:  
-Eu juro que não sabia  
Que Deus iria cobrar.

Isso se deve a uma lei  
Chamada ação e reação,  
O que se faz, se recebe,  
A vista ou a prestação.  
Paga-se a conta, amiúde,  
Com dinheiro ou com saúde,  
Até o último tostão!

Essa certeza é que anima  
A que sejamos decentes.  
Sentimos muita piedade  
Desses tais irreverentes,  
Porque, ao final do rolo,  
Todo esperto vira tolo,  
Quebra a cara e range os dentes!

Nota:A entrega era em março,  
Por compromisso severo,  
Mas nove meses se foram  
E, aqui, confessar eu quero:  
Essa turma é muito esperta  
E eu não fiz a coisa certa,  
Dei-me mal, eu sou sincero.

Por fim, 20 de dezembro!  
A chave! não mais reverses!  
Recebi minha escritura  
Que pedi diversas vezes.  
Tristeza já não destilo,  
Fez-se o parto e estou tranqüilo,  
Após longos nove meses!

## Perdão

-Quantas vezes devemos perdoar?  
-Seriam sete as vezes do perdão?  
Chegou, um dia, Pedro a perguntar,  
Para Jesus, querendo orientação?

-Setenta vezes sete, é a solução,  
Ensinou quem sabia flutuar  
E um dia fez a multiplicação  
De pães e peixes, à beira do mar.

O Cristo quis dizer que é infinito;  
Que o perdão deve ser sempre irrestrito  
É desculpar o mais triste episódio.

Perdoar é limpar-se no interior,  
É, de verme, tornar-se superior,  
É trocar por amor gestos de ódio.



## **Mas isso é ilusório...**

O homem nasce criança,  
Mas, depois, vem a velhice...  
Lá se vai a meninice  
E acaba toda esperança,  
Porque quase não alcança  
Chegar ao seu ideal.  
Já começa a passar mal,  
Enquanto a vida balança,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Arrisca num casamento,  
Que dura um ano ou cinqüenta,  
Agüenta ou não agüenta,  
Sente alegria ou tormento.  
Se chega o aborrecimento,  
Cada um vai pro seu lado,  
Desfaz-se o encontro marcado,  
Trazendo mais sofrimento,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Se nasceu um filho ou filha,  
Trabalha igual a um camelo,  
Com dedicação e zelo,  
Pra sustentar a família.  
Às vezes, até se humilha  
Para dar conforto à esposa  
E quase nunca repousa  
Pra tudo seguir na trilha,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Os filhos se formarão  
E ele terá orgulho,  
Não vão carregar entulho  
Igual ao pobre ancião.  
No seio da multidão  
Eles hão de ter destaque  
Embora o pai, num ataque,  
Vá morrer do coração,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Aí, depois desse dia,  
Em face do desencarne,  
O fato é que a velha carne  
Perdeu toda a valentia.  
E a sua hegemonia  
De genitor responsável,  
Virou coisa descartável,  
Não sofre mais quem sofria,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Chegando ao céu ou inferno,  
Ninguém jamais vai saber  
O que irá acontecer.  
Logo depois, sai do "eterno",  
Contando com alguém fraterno  
Que o receba e o oriente,  
Volta pra junto da gente,  
Onde outra vez fica interno,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

E nesse vem, vem e vai,  
E nesse vai, vai e vem,  
Volta, não escapa ninguém,  
Pode ser filho, ser pai.  
Enquanto o tempo se esvai,  
Aprende-se mais um pouco,  
Ficando mais manso ou louco  
Se a própria vida nos trai,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Chega uma nova partida...  
Sai outra vez desta Terra,  
Mais uma etapa se encerra,  
Termina mais uma lida.  
Seja calma ou concorrida,  
O fato é que se acabou  
E pouca coisa levou  
Das que juntou nesta vida,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Não quero cansar vocês  
Com estes versos que faço,  
Mas, neste roteiro, traço  
E afirmo, sem ter talvez,  
Repetindo ainda uma vez  
Eu lhes conto esta verdade  
Pois tão dura é a realidade  
Como é triste a viuvez,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

Nada é definitivo,  
Neste saber compulsório,  
Muda sempre o relatório  
No tempo do relativo.  
E se o mundo gira ativo,  
Por ordem do Criador,  
Isso Ele faz por amor  
Só mostra o que é positivo,  
Mas isso é ilusório,  
Pois nada dura pra sempre  
Neste mundo provisório!

## **Lázaro de Betânia**

Ah, meu Senhor, se antes tivesses chegado  
Meu pobre irmão, eu sei, não teria morrido...!  
Já há três dias o pobre jaz desfalecido;  
Por todo canto nós O temos procurado...

Jesus vê a cena e se emociona, ali, calado;  
Depois explica o que havia acontecido:  
-Marta, Maria não sabeis como tem sido  
A dura carga deste meu apostolado.

Depois ordena:-Acordem Lázaro do sono,  
Tirai a pedra, nunca estive ao abandono  
Ele está vivo, aqui na vida material...!

-Ergue-te amigo, é preciso ver-te o mundo,  
Para que aquele que pesquisa a vida a fundo  
Saiba que quando vem de Deus nada é por mal.

## A dor do povo

Caiu a chuva e, então, encheu-se o grande rio...  
De tão vaidoso, quase não cabia em si!  
Foi se espalhando, o irreverente Itajai,  
Levando o medo, junto à lama...! Um arrepio

Causou em quem, uma vez mais, correu dali,  
Pois muitas vezes isso já se repetiu.  
Há os que ficam e há quem fuja desse frio,  
Indo pra longe, mas deixando a alma ali.

Neste país, um continente, onde há de tudo,  
Falta quem tenha boa vontade, faça estudo,  
Para que todos fiquem livres dessas mágoas,

Porque se existem os que reclamam da má sorte,  
Devido à seca que castiga o pobre norte,  
No rico sul, o povo morre sob as águas.

## Hábitos

A nossa vida é um eterno ritual;  
Até à mesa temos o lugar marcado,  
Pois não sabemos nos sentar do outro lado,  
Se o de cá é o nosso lado habitual.

Há tantas coisas que nos causam grande mal,  
Mas não notamos, por se estar condicionado,  
A jeito próprio, ao qual se vive vinculado,  
Que é absurdo, mas parece natural.

Depois do almoço, nós tomamos cafezinho,  
Com adoçante, após comer nosso docinho,  
Nem percebendo que tais gestos fluem a esmo.

O homem por medo, ou por preguiça, pensa pouco,  
Por isso vive num conflito e, como um louco,  
Sem conhecer-se, é um inimigo de si mesmo.

## **Receita para ser feliz**

Quando eu crescer, serei muito feliz;  
Serei o dono até do meu nariz  
E vou mandar em mim. Eu, ninguém mais.  
E, já mais tarde, quando eu for rapaz,  
Vou conquistar donzelas e coroas,  
Mesmo bem velhas se elas forem boas.  
E eu assim, então, serei feliz.  
Vou me casar, depois, e completar  
Esta felicidade que eu planejo  
E ao nascerem filhos, neste ensejo,  
Então serei feliz como ninguém.  
Esperarei que o tempo siga além  
Que eles cresçam, e então serão amigos,  
E eu feliz, farei deles abrigos  
Para não ter problemas.  
Pra ser feliz, eu vou comprar um carro;  
Que seja novo, moderno e bem veloz  
Uma mansão, piscina, churrasqueira,  
De dar inveja à minha rua inteira,  
Porque eu quero ser muito feliz.  
Mas para eu ser feliz quero ter neto  
E serei, entre os avós, o predileto,  
Terei orgulho ele será importante  
Mas como ainda isso não é o bastante,  
Pra ser feliz eu hei de viajar.  
Andar no mundo indo sul a norte  
Ir leste oeste, sem pensar na morte,  
Por que sem isso ninguém é feliz.  
Eu quero ter bom plano de saúde,  
Pra enfrentar esta vida tão rude  
Que cria tensão e medo de viver.  
Mas eu garanto que se eu tiver  
A garantia eu vou ser feliz.  
Se eu morrer, porém, eu voltarei  
Serei feliz pois irei reencarnar...,  
Mas é possível que ao aqui voltar  
Não farei planos de felicidade.

Saberei que ela está pelo caminho,  
Não é produto e nem é destino,  
Nem conseqüência do que quer que seja.  
Pra ser feliz, não devo programar,  
Nem querer tudo ou ser o melhor;  
Eu devo simplesmente desfrutar,  
Tudo o que existe AGORA ao meu redor.

## **O homem e o rio**

Há em São Paulo um rio, bem na capital,  
Que é diferente: Vai do mar para o interior!  
Serviu de estrada ao bandeirante explorador,  
Pois ele o usava por roteiro natural.

É o caudaloso Rio Tietê, que em seu furor,  
Da zona urbana ruma até o Brasil central,  
Mas, na cidade, muita gente passa mal,  
Porque esse rio ao transbordar causa um horror.

Porém a culpa não é dele: É da ganância  
Do próprio homem, porque, sem observância,  
Ele o invadiu com obras sem programação.

Fazem-no esgoto, jogam lixo sem parar,  
E porque expurga o que não pode acumular,  
O transformaram de inocente num vilão.

## **Trovas para reflexão**

No passado, o cristianismo  
demonstrou, na inquisição,  
o reverso do que disse  
o Cristo na pregação.

## **Um rebanho perdido**

Quando o homem analiso,  
Vejo que perdeu o juízo  
Não sabe o que é preciso  
Para ser alguém contente.  
Copia o que outra faz  
E, com isso, anda pra trás,  
Nunca pode sentir paz,  
Não sabe seguir em frente.

É um pobre ritualista,  
Na sua luta conquista,  
Igual a um galo de crista,  
Somente inutilidades,  
Guarda na vida tranqueiras,  
Só coisas que são besteiras,  
Pra isso comete asneiras  
E perde a serenidade.

Junta valores que somem  
E por querer ser mais homem  
Inveja os outros que comem  
Pratos mais sofisticados,  
Sem saber que o egoísmo  
Afeta o metabolismo  
E, vítimas do cinismo,  
São todos pobres coitados.

Se um se veste de um jeito,  
Olhe pra todo sujeito,  
E, sem faltar com o respeito,  
Num pensamento tacanho,  
De roupas todas iguais,  
Do patrão ao capataz,  
Seja a moça ou o rapaz,  
Parece até um rebanho.



Se uma faz um penteado,  
Põe o cabelo de lado,  
Ou corta ele bem cortado,  
As outras fazem também.  
E se um menino é careca,  
Muda o tipo de cueca,  
De homem não mostra neca,  
Dizem "falô", tudo bem!

Se a moça está de barriga,  
Seja honesta ou rapariga,  
Não me meto nessa intriga,  
Se exhibe com euforia.  
Deixa seu ventre de fora,  
Sem o recato de outrora,  
Porque a nova moda agora  
É a todos mostrar a cria.

Para o seu divertimento,  
O homem a cada momento,  
Sem ter mais discernimento,  
Se curva ante a imposição  
Do que lhe mostra a TV,  
Já sabendo o que vai ver,  
Mas não tem como escolher  
É loteria e agressão.

Disque 0900,  
Disque 8 ou 800  
E concorra a 400,  
Pagando uma ligação  
Barata, alguns reais,  
E ele nem percebe mais  
Que é joguete desses tais  
Que dominam a nação.

Se você ficar doente,  
Fique calmo, sorridente,  
Disfarçando siga em frente,  
Vamos tentar interná-lo.  
Coma um pouco de cuscuz,  
Porque a força Deus produz,  
Sem a ambulância do SUS  
Iremos mesmo é a cavalo.

Prometem casa pro pobre,  
Sem precisar que lhe sobre  
Pra prestação nem um cobre  
Do seu salário miséria.  
E nessa conversa mole,  
Há sempre quem nos controle  
E com isso nos enrole  
Fingindo que é coisa séria.

Crianças! Todas na Escola!  
Não vão mais pedir esmola,  
Programa que nos consola,  
Pena que não é verdade.  
As vagas são por sorteio,  
Mas não fique com receio,  
Porque até encontrar um meio  
Já será maior de idade.

Mas quando se aposentar,  
Tudo há de terminar,  
É o que se põe a pensar,  
Enquanto a vida o consome.  
Mas vou lhe dar um conselho,  
Marque sua cara no espelho,  
Pois há de ficar vermelho  
De raiva por passar fome.

Quando chegar a eleição,  
Há que ter muita atenção,  
Pois vai sentir emoção  
Se o político aparece.  
Falo do PMDB,  
PSDB, PDT,  
Do PT, mais não sei que,  
E a mamata sempre cresce.

Você que não tem nem água,  
A não ser da sua mágoa,  
Que escorre de tanta frágua  
E lhe desce pelo rosto,  
Fique atento, o candidato,  
Com todo o seu ar pacato,  
Vai visitá-lo no mato  
E até chorar de desgosto.

Inda existe o desfilante,  
Bem vestido, um elegante,  
No Congresso tem bastante,  
São defensores do povo!  
Pobre do povo, coitado,  
Se esperar por deputado,  
Senador ou magistrado,  
Não tem galinha nem ovo...

Ao pegar a condução,  
Vai se apertar meu irmão,  
Melhor ir de caminhão  
Como gado que se espreme,  
Porque ao chegar no destino,  
Por espremer o intestino,  
Você vai ficar mais fino  
E sem saber porque geme.

Mas todo mal que se passa,  
Há de voar como a garça,  
Ou se queimar como a sarça,  
Pois nada no mundo é eterno.  
Vá já tirando seu véu,  
Quem sempre viveu ao léu,  
Pois quem sofreu vai pro céu,  
Quem ofendeu... vai pro inferno!

## Video -Vida

Se em nossa vida desse pra editar a fita  
E apagar todos os erros cometidos,  
Muitos enganos não seriam repetidos  
E nossa luta não seria essa desdita.

É tão difícil ver-se algo que reflita  
Só no que é certo e nunca nos deixe abatidos,  
Nós disfarçamos fingindo estar convencidos  
De que esta vida é muito boa... está bonita...!

Mas como a fita que se vive nunca volta,  
Erros e acertos vão formando a rude escolta  
Que nos envolve e acompanha até o além.

Mas ao voltarmos, para ter um recomeço,  
Embora tendo outro nome e novo endereço,  
A essência é a mesma, somos nós nesse vaivém.

## Trovas para reflexão

O índio é que é o dono  
no Brasil, de muita terra,  
pois o branco, por um lote,  
precisa entrar numa guerra.

## **Prenúncios**

Sinto que a hora de voltar já está por perto!  
Regressarei para o lugar do qual eu vim.  
Não se entristeça nem ouse chorar por mim,  
Porque irei muito contente, de olho aberto...

Eu volto em breve, embora ainda não saiba ao certo  
Quando será. Já em outras vezes foi assim.  
Não imagine que isto decreta o meu fim,  
Ou vá empedrar-me como um fóssil num deserto.

Esse vai e vem já pratiquei; me é familiar.  
Sempre que volto eu frequento um novo lar  
Para viver junto de amigo ou inimigo.

Aqui lhe peço, não se turbe o seu semblante,  
A deixo agora, mas, lhe rogo, siga adiante,  
Eu vou na frente preparar-lhe um novo abrigo.

## **Armas**

Descrevo minhas armas de defesa:  
Muito amor, humildade e paciência,  
Mais o saber que instrui e dá ciência  
De amar o mundo e em tudo ver beleza.

Eu ofereço desdém à tristeza,  
Se quer levar-me à maledicência.  
Não dou a ela qualquer competência  
E nem lhe oferto muita gentileza.

Não deixo, nunca, o dia ter seu fim  
Sem dar ao outro o amor que dou a mim,  
Porque é a minha meta todo dia.

Eu anoiteço com o dever cumprido  
Por isso nunca fico aborrecido  
Eu faço o bem e sinto só alegria.

## **Nasceu Jesus**

Em soberana assembléia, indagou-se:

-Quando e onde nasceu Jesus?

Tratando-se do óbvio, a resposta foi em coro:

-Jesus nasceu em Belém de Efrata,

Casa do pão em hebreu,

Casa da carne em árabe.

-Por que nasceu Jesus ali,

Se os pais eram da Galiléia,

Da pequena e pacata Nazaré,

Onde Maria, grávida, e o esposo José,

Viviam tranqüilamente? Por que ir à Judéia,

O descendente de David e sua mulher plebéia?

Foi pelo recenseamento.

Foram pelo transporte habitual, pelo jumento,

Atender às ordens dos romanos,

Que arrecadavam, pelos publicanos.

Hospedaram-se numa estalagem

E ali Maria deu à luz,

Na lendária manjedoura,

Onde comiam os animais.

Ali nasceu Jesus.

O menino sorria e sorria toda gente,

Nova luz vinha ao mundo,

Uma luz resplendente,

Para amparar o órfão, o moribundo,

O sofrido e o descrente.

Mas outros assim não responderiam;

Esse óbvio, para muitos, seria diferente...

-Pedro, velho Simão, pescador,

Quando e onde nasceu Jesus?

-Jesus nasceu junto ao átrio, no Paço de Pilatos,

Quando o galo cantou pela segunda vez,

Enquanto eu, por três vezes, já negara o amigo,

Que sempre estive comigo

E me alertou da fraqueza,

Dizendo já ter certeza

De que eu iria fracassar...!

-Tomé, quando e onde nasceu Jesus?

-Jesus nasceu quando eu duvidei,  
Três dias depois de sua morte,  
Ao mostrar-me as mãos chagadas pelos cravos da cruz,  
Pondo fim às minhas fraqueza de fé...

-Madalena, quando e onde nasceu Jesus?

-Jesus, o Meu Senhor, nasceu  
Quando eu, há muito tempo perdida,  
Ao fitá-lo senti sair de mim os demônios  
Que me atrasavam  
E me prendiam aos prazeres mundanos,  
Por muitos anos e anos...,  
Sem que eu me desse conta e mudasse.

-Paulo, Rabi de Tarso, quando e onde nasceu Jesus?

-Jesus nasceu na Estrada de Damasco,  
Quando eu ia em perseguição a Ananias  
E Ele me libertou do ódio  
Ao renovar-me e matar o velho que habitava em mim,  
Para, como novo homem, ser arauto do seu Evangelho...!  
E você, que acompanha este retrato,  
Responde a esta pergunta:

-Quando e onde nasceu Jesus?

Faça, também, seu relato  
E responda esta pergunta:

-Quando nasceu seu Jesus?

Mas analise, primeiro,  
E confirme se, de fato,  
O sublime mensageiro  
Chegou ao seu coração.  
Às vezes, Ele nasce na doença,  
Noutras horas, no perigo;  
Para alguns num tempo de alegria,  
Na descoberta do amigo,  
Na caridade que apoia o companheiro sofrido.  
Tristemente, porém, para a maioria  
Jesus ainda não nasceu;  
Continua em gestação na manjedoura  
Dos corações endurecidos,  
Numa gravidez interminável, dolorida.

O parto que já devia ter-se realizado,  
Está bastante atrasado.  
Os homens aflitos, não se dão conta  
De que impedem a chegada da luz,  
Fazendo escuro o seu próprio interior...  
Numa pergunta tão simples,  
Mistérios tão grandes...  
-Você, amigo, acredita que Jesus  
Já nasceu em seu coração?

## **O chamamento de Mateus**

Ouvindo o Cristo em sua pregação  
Quando falava à gente plebéia,  
Mateus no mar, bem longe da Judéia,  
Se embevecia junto à multidão.

Em pleno lago azul, na Galiléia,  
Nem via mais passar a embarcação,  
Até esquecia que sua função  
Era cobrar pedágio. A sua idéia

Era escutar o que dizia Jesus.  
Quando o Cristo chamou-o viu a luz  
E enriqueceu-se. E mais do que dinheiro

Só queria gritar ao mundo inteiro:  
"É o Messias". E como creu naquilo,  
Largou seu posto e decidiu segui-Lo.



## Na Estrada de Damasco

-Por que, judeu-romano, me persegue?  
Perguntou Jesus a Paulo quando ele ia,  
Até Damasco, em busca de Ananias,  
Conheço a sua alma nada negue.

Derrubado, que foi, da montaria,  
O homem de Moisés nada consegue,  
É preciso, portanto, que ele cegue  
Para, assim, poder ver o que não via.

-Que quer você de mim, diga Senhor?  
-Que seja meu dileto seguidor,  
-Homem novo, matando o homem velho...

Quero que você nasça, novamente,  
Para depois, definitivamente,  
Levar a todos o meu Evangelho.

## O Grande apóstolo

Chegara, enfim, o triste dia: a despedida;  
Tinha à sua frente, um carrasco colossal,  
Que aguardava de posse de arma letal,  
Apenas ordens para decepar-lhe a vida.

O executor, porém, de face constrangida,  
Vê a criatura ali serena, algo anormal,  
Que lhe pergunta: -Digas, homem, qual o mal,  
Que cometeste e contra o qual não tens saída!?

-E que és tu atado ai nesse ferrolho?,  
Indaga ele, enquanto a lágrima do olho  
Escorre e o impede de cumprir a obrigação.

-Chore por ti, e não por mim, meu caro amigo...  
Faz teu trabalho. Eu sou o Paulo e hoje te digo,  
Jesus me espera, já cumpri minha missão!

## A Trova

A trova, esta bela forma poética, é um desafio à capacidade de síntese do artista. Em quatro linhas, de sete sílabas poéticas cada, dá-se um recado, conta-se uma história, diz-se um provérbio. Mas deve ser bem feita. Senão, como diz Ademar Tavares,

Nem sempre com quatro versos  
setissílabos a gente  
consegue fazer a trova;  
faz quatro versos, somente.

Citamos alguns exemplos de trovas bem feitas, por autores diversos.

A situação tá tão feia,  
minha grana tão escassa,  
que o vizinho churrasqueia  
e eu passo o pão na fumaça.  
Pedro Ornellas-SP

Vizinha só tenho medo  
neste mundo dos mortais,  
que o vizinho volte cedo  
e seja tarde demais.  
Aloisio da Costa-CE

É tão roxa por novela  
a mulher do Serafim  
que se alguém chama por ela  
ela responde plim – plim.  
Pedro Ornellas-SP

Barulho na copa. A moça  
com modos nada serenos.  
–Que foi, Maria? Mais louça?  
Qual o que, patroa! Menos  
Eno T.Wanke-Rio

A mulher tem geralmente  
três idades, a saber:  
A verdadeira, a aparente  
E a que costuma dizer.  
Edmar Japiassú Mata-Rio

Cantigas de portugueses  
são como barcos no mar .  
Vão de uma alma pra outra  
com riscos de naufragar.  
Fernando Pessoa-Poeta português

A vida é um hospital  
onde quase tudo falta,  
por isso ninguém se cura  
e morrer, é que é ter alta.  
Fernando Pessoa-Poeta português

O filho do carpinteiro,  
foi um artista profundo:  
com três cravos e um madeiro,  
fez a redenção do mundo.  
Raul Pederneiras-1874-1973

Tua boca é tão pequena,  
tão pequena e tão singela,  
que eu não sei como é que cabem  
tantos beijos dentro dela.  
Vasco de Castro Lima-1932

Saudade pra quem espera  
não é saudade, é lembrança;  
saudade só é saudade  
pra quem não tem esperança.  
Alcides Carneiro-PB

Consola sempre quem chora  
minimizando-lhe as cargas...  
Usa a prece, a qualquer hora,  
não só nas horas amargas.  
Severino Silveira de Souza-PA-RS

Eu trabalhar desse jeito,  
com a força que Deus me deu,  
pra sustentar um sujeito  
vagabundo que nem eu!  
Orlando Brito-MA

## **Minhas Trovas Temas diversos**

No agrado que fiz ao filho,  
criei na mãe um sorriso,  
pus nos seus olhos um brilho  
que a levou ao paraíso.

Beliscou-a, em plena escola,  
o mestre, que a deixou roxa,  
chegando a borrar a cola  
que ela escreveu sobre a coxa.

É no leito conjugal  
que nascem filhos e filhas...  
É, assim, que do amor carnal,  
vão se formando famílias.

Pode haver sorriso franco  
ou choro de despedida,  
no aceno de um lenço branco  
no ritual da partida.

Se, socialmente, sou pobre,  
eu não esmolo clemência;  
Sou dono de uma alma nobre,  
pois trago limpa a consciência.

Fazendo o peito apertado  
ou a cabeça contente,  
a emoção é um bailado  
que dança dentro da gente.

Lembrança pra recordar,  
deve ser coisa bonita,  
pois não se deve lembrar  
do que nos causou desdita.

Sempre que eu olho da rua,  
o luar mais preocupante  
é quando o povo da lua  
se espreme em quarto minguante.

O namoro é uma chantagem,  
quando tudo é cor de rosa.  
Depois, na dura viagem,  
o macho fica sem prosa.

Natal marca o nascimento  
do mensageiro da luz,  
que por amor veio à Terra  
e aqui chamou-se Jesus.

No Natal damos presente  
à filha e ao filho querido,  
porém o aniversariante  
é geralmente esquecido.

Nas vagas sempre ondulantes,  
que vão pra baixo e pra riba,  
o pôr do sol joga estrelas  
nas águas do Paraíba.

O homem procura a paz,  
mas ele a procura a esmo,  
porque a paz que ele almeja  
mora dentro dele mesmo.

Reza toda a humanidade,  
pedindo paz a Jesus,  
Mas nem ela, na verdade,  
dentro da paz se conduz.

A paz não é não ter guerra,  
nem acabar com a violência:  
A paz que serena o homem,  
é ter tranqüila consciência.

O rádio vai aos confins,  
a terras desconhecidas,  
onde o mundo chega ao fim  
e a vida mora escondida.

O rádio presta um serviço  
de utilidade global,  
liga os povos e, com isso,  
faz do mundo um arraial.

Leva a música, a poesia  
e a notícia policial;  
o rádio, no dia-a-dia,  
tem grande alcance social.

Isabel e Zacarias,  
foram pais de São João,  
que batizou Jesus Cristo  
nas águas do Rio Jordão.

São João, devagarinho,  
fez-se o grande precursor.  
Foi aplainando os caminhos,  
para passar o Senhor.

Me esforço e, sempre que posso,  
evito ser iracundo;  
O sorriso não é nosso,  
o nosso rosto é do mundo.

Quem sorri, ganha alegria,  
demonstra ter bom juízo,  
porque a felicidade  
se esconde atrás do sorriso.

A vida seria melhor  
se o homem sorrisse mais,  
formaria, ao seu redor,  
um mundo pleno de paz.

Sublime magistratura,  
de saber alto e regrado,  
tem o que sente ternura  
pelo inimigo ao seu lado.

Preservem os monumentos,  
porque guardam tradição,  
eles são os documentos  
da história de uma nação.

Mesmo sem ter diretrizes,  
aqui há felicidade;  
o Brasil tem nas raízes,  
amor, concórdia e bondade.

Você diz que teme a morte  
e pensa que vai doer,  
fique calmo, se comporte,  
o que dói mesmo, é viver.

Desde a hora em que nascemos  
até a hora da partida,  
nós, pouco a pouco, escrevemos  
o livro da nossa vida.

Livro fechado é um defunto,  
jaz inerte, sem função,  
mas aberto, bom assunto,  
vale mais do que um irmão.

Há livros que a gente lê  
uma vez, uma centena,  
mas outros, logo se vê,  
nem a capa vale a pena.

Se você gosta de alguém  
deseja vê-lo contente,  
gaste bem os seus vinténs:  
dê bom livro de presente.

Cuidado, no Carnaval,  
dose bem sua alegria...  
Não vá deixar que a moral  
se rasgue com a fantasia...

Nas muitas encarnações  
da alma, na caminhada,  
se ela nunca foi mãe  
na verdade, não foi nada.

A mãe cuida de dez filhos,  
diz o dito popular,  
mas dez filhos, de uma mãe,  
jamais conseguem cuidar.

O filho só dá valor  
à mãe depois que a perdeu;  
terá saudade do amor  
que nunca correspondeu.

A mulher que adota um filho,  
depois o educa e conduz,  
é mais mãe e tem mais brilho  
que a mãe que só deu à luz.

O casamento é pesado,  
não é um fardo maneiro,  
por isso, para ajudar,  
há, quase sempre, um terceiro.



Sempre existem dois caminhos:  
um que é largo e outro estreito,  
um tem plumas o outro espinhos;  
procure escolher direito.

Caminho largo é aquele  
que nos leva até o abismo;  
caminho bom é o estreito  
onde não entra egoísmo.

Aquele que é militar  
tem de ter dignidade,  
precisa exemplificar  
no seio da sociedade.

Não sou militar na Terra;  
sou um soldado divino,  
que tem sua própria guerra  
na luta contra o destino.

No poderio militar,  
há, neste país ao léu,  
os da terra, mar e ar,  
mas falta a força do céu.

Globalização maçante  
só nos tem feito maldade,  
porque essa mídia farsante  
domina a nossa vontade.

Traz-nos perigo e vantagem,  
cultura e prostituição,  
a perigosa internet,  
com a globalização,

A história do cristianismo,  
sempre que ela é bem contada,  
mostra muito fanatismo;  
caridade, quase nada.

Fizeram do cristianismo  
jeito de ganhar dinheiro;  
a ganância e o egoísmo  
é hoje o que vem primeiro.

O índio, dono da terra,  
xinga o branco proletário,  
mas sua tribo é que encerra  
o poder latifundiário.

Numa falsa ingenuidade,  
o índio só pesca e caça,  
depois diz que é, na verdade,  
o embrião da nossa raça.

Tem gente que tem saudade,  
eu guardo apenas lembrança  
dos sonhos da mocidade,  
dos dias que fui criança.

Lembrança não quer lembrar  
de uma etapa esquecida.  
Às vezes nos faz sofrer  
Recordar fatos da vida.

Se você está irritado,  
conte até sessenta e seis  
e quando houver terminado,  
comece a conta, outra vez.

Quem canta a sua humildade,  
faz propaganda amiúde,  
na verdade, é um convencido,  
nunca teve essa virtude.

## O Rio Amazonas

Nascido no Titicaca  
No pequeno Vilcanota  
Em La Raia no Peru  
Onde quase ninguém nota  
Este rio de duas nações  
Começa por Solimões  
Mas é nossa a maior cota.

A sua malha compacta  
Tem múltiplos capilares;  
Rios que recebem rios,  
Multiplicando aos milhares,  
Banha ampla região,  
Onde há cidades que são  
Como ilhas dentro dos mares.

A sua enorme bacia  
Tem notáveis afluentes,  
Rios muito caudalosos  
Que vencem os acidentes.  
Ampliado em sua descida,  
Provoca a Terra Caída  
Tudo arrasta e segue em frente.

Passa perto de Manaus  
No Pará, de Santarém,  
Lambe também Macapá  
Depois vai seguindo além.  
Em Marajó, céu aberto  
Do Atlântico chega perto  
Banhando a ilha também

Tem extensão e largura,  
Que às vezes parece um mar,  
Até os maiores navios  
Podem nele navegar,  
Tem fauna que é uma festa,  
É a artéria da floresta  
Que ao mundo fornece o ar.

Maior rio brasileiro,  
Corta dois grandes estados,  
Amazonas e Pará  
Por ele os dois são banhados.  
Por fim no mar desemboca  
Em violenta pororoca  
Indo água pra todo lado.

## **Meu verso**

Gosto do verso rimado,  
É o que sempre mais faço.  
Procuro dar-lhe compasso  
Pra ficar bem melodiado.

Quando eu esboço num traço,  
O verso sai bem cantado,  
Fica todo ritmado,  
E nisso não me embaraço.

-Isso é pura cafonice,  
Foi o que alguém me disse,  
Ante o meu verso bem feito.

Respondi-lhe: -É pura inveja,  
Pois seja lá como seja,  
Só quem sabe faz direito.

## **À beira-mar**

Do mar eu vejo os coqueiros,  
Contemplo toda a beleza,  
Dos últimos aos primeiros,  
Balançando com leveza,  
Porque se o mar é a pintura,  
O coqueiral é a moldura  
Do quadro da natureza.

O mar olhando o coqueiro  
Sonha até ele chegar.  
E ele, todo altaneiro,  
Se inclina perto do mar  
E no balanço se lança,  
Porque quando o mar avança  
Chegam quase a se abraçar.

O mar é cheio de ondas  
As ondas cheias de mar  
As espumas fazem rondas  
Chegam pra depois voltar.  
Porque se a espuma mar é  
Ao voltar de marcha a ré  
Volta a ser água do mar.

Assim vou filosofando,  
Olhando em volta de mim,  
Viajando pela utopia,  
Minha vida eu vivo assim,  
Porque já não sou tão moço  
E não desejo alvoroço  
Neste começo de fim.

## **Tramas do amor**

Não vou dormir. Primeiro vou lavar a louça,  
Pois amanhã eu terei roupa por passar  
E mais a casa, por varrer, por arrumar!  
Só estou contando. Não quero que alguém nos ouça...

Sempre sonhei amar alguém, depois casar,  
Um ideal; algo que almeja qualquer moça.  
Nunca esperei ter uma vida tão insossa,  
Que minha sorte, na verdade, fosse azar.

Caminha o tempo, é sempre o mesmo ritual...  
A cada dia tudo fica mais banal,  
Mas, mesmo assim, eu agradeço ao Criador.

Na caminhada tive filho, tive filha,  
Que tanto amo e que formam esta família  
Que fiz no mundo, ao me iludir, buscando amor.

## **Volta no tempo**

Eu já cansado de andar sempre a pé,  
Sonhava agora com meu próprio carro,  
Para não mais ter de pisar no barro:  
Um belo Ford ou um Chevrolet!

Queria um novo, ou usado até,  
Se não tivesse os riscos de um esbarro,  
Para que eu, com meu jeito bizarro,  
Nele passeasse com minha mulher.

Eu consegui. Mas dentro dessa máquina,  
Escravizei-me, numa vida estática,  
Que só me trouxe dores e feridas.

Hoje preciso fazer caminhadas,  
Todas manhãs, bastante aceleradas,  
Para não ter as veias entupidas.

## Um sorriso especial

Jamais eu vi um sorriso  
Bonito como o daquele  
Pedinte, em frente ao correio,  
Há tanta alegria nele.  
Preste atenção ao seu riso  
E, se você tiver juízo,  
Aprenda a sorrir com ele.

Todo desproporcional,  
Não tem membros, só tem tocos,  
No entanto, este ser humano  
É bonito, como poucos.  
Ao olhar sua mansuetude,  
De alma toda em quietude,  
Olho pra nós, vejo loucos.

Quem só vê felicidade  
Naquilo que é exterior,  
Se cansa pelo dinheiro  
E não faz conta do amor,  
Ao pensar só no salário,  
Todo esperto vira otário  
Nas leis de Nosso Senhor.

Será que esse pobre homem  
Pensa no seu sofrimento?  
Ou já tem sabedoria,  
Daí seu comportamento...!?  
Ao demonstrar paciência  
Coloca a paz na consciência,  
Frente ao duro julgamento.

Exibindo os belos dentes,  
Mostra pra vida uma argúcia,  
Frente a nós, os imprudentes,  
Que só vivemos de astúcia.  
Ali em sua cadeirinha,  
Parece uma criancinha  
Com um bicho de pelúcia.

Sua vida é tão bonita!  
Ao findar a encarnação,  
Se acabará a desdita,  
Sairá dessa prisão,  
E assim, como um passarinho,  
Terá, em Deus, o carinho.  
Subindo ao céu, qual rojão.

## **Os seres da rua**

Por que o menino vive a cheirar cola  
E, ao me olhar, seu olho se esbugalha?  
Será que, olhando-me, ele vê um canalha,  
Que nem se lembra de dar-lhe uma bola,

Ou uma bala, ou lugar na escola?  
Vive jogado por sobre uma palha,  
A sociedade nunca o agasalha,  
E o seu sapato já nem tem mais sola.

Pobre menino, filho da maldade,  
Que espalha sempre a infelicidade  
Ao nos deixar o coração partido.

Será que um dia esse pobre animal,  
Será tratado como alguém normal,  
Como criança e não como bandido?



## Ingratidão e ingrato

Não se entedie com a ingratidão  
Porque não vale o aborrecimento.  
Você é que deve ficar sempre atento,  
E não ferir jamais um coração.

Se falta ao outro ainda entendimento,  
Ele precisa é de compreensão  
Porque um dia os homens todos vão  
Se irmanar. Será o maior evento!

Só tema as dores que a si mesmo faz.  
Por isso, eu lhe digo, meu rapaz  
Nunca censure o proceder alheio.

Você que anda muito distraído,  
Tem muitas vezes se comprometido.  
Isto é o que deve lhe causar receio.

## Alerta

Você sorri e faz pouco  
Se falo em reencarnação!  
Você me tem como um louco,  
Em plena alucinação.

Me diz que não faz sentido,  
Que não há prova qualquer,  
Que homem tenha vivido  
Um dia como mulher...

Que marido foi esposa,  
Que mãe um dia foi filha,  
Você ri, e ainda goza,  
Dessas tramas de família.

Só falta vir defender  
Que suicídio é coisa esperta,  
Para a doença de um ser,  
Em quem a morte já é certa...

Eutanásia é esperteza,  
Tem a sua simpatia,  
Pois é também ardileza  
Pra não sofrer mais um dia.

Você não foi orientada,  
Sua religião não ensina,  
Por isso é mal informada  
Da dor e o que a determina.

Não lhe ensinaram que a ação  
Dos atos do cotidiano,  
Vão criando a reação,  
Entra ano, passa ano.

E tudo vai se somando  
Fazendo-a ser o que é,  
Vai errando ou acertando,  
Conforme siga sua fé.

Quando morrer você leva  
Aquilo que realizou,  
Pois, sendo jovem ou longeva,  
É o tesouro que guardou!

Lá na espiritualidade,  
Faz-se o juízo final,  
Vê-se a mentira e a verdade  
Nesta corte marcial.

Depois do levantamento,  
Determinam seu lugar,  
Pra ficar, por um momento,  
E logo depois voltar.

Muito mais podia ensinar-lhe  
Das leis da reencarnação,  
Mas pra que não se baralhe,  
Termino essa explicação.

Não vou tentar convertê-la,  
Mas a alerto, simplesmente,  
Porque a realidade, ao vê-la,  
A deixará descontente.

Se começar desde agora  
A preparar a partida.  
Será agradável a hora  
Em que fizer a subida.

## **Eutanásia**

-Ajuda-me a morrer, peço por Deus!  
-Por Deus não peças tão grande absurdo,  
Pois Ele há de se fazer de surdo  
Ante um pedido próprio dos ateus.

Melhor seria te fizesses mudo  
Porque ao ouvir pedidos como os teus  
Ele há de ver-te como aos filisteus  
Que nada sabem e pensam saber tudo.

Nunca imagines que possas fugir  
Da tua sina que em ti está gravada.  
Tens de aguardar a hora de partir.

A tua vida é toda planejada.  
Se a apressares e não se cumprir  
Tens de voltar pra começar do nada.

## Status

Graças a Deus, não tenho de viver na falsidade,  
Nem pretendo me esconder na hipocrisia,  
Agradar quem não me agrada, de verdade,  
Ou sorrir para quem nunca me sorria.  
De filho de operário a industrial,  
Foi uma caminhada prazenteira,  
Porque lutei, durante a vida inteira,  
Para crescer e ser mais racional.  
Infeliz quem tem de ser artificial  
E precisa agradar quem não o agrada,  
Manter comportamento que o degrada  
E aceitar como bem o que é um mal.  
Meu carro é o carro que mais gosto;  
Não tenho de mostrá-lo por status.  
Compraz-me ver nos fatos, simples fatos,  
Do jeito que neles sempre aposto.  
Minha casa é a casa que me agrada,  
A roupa é a que me fica confortável,  
Eu vivo a vida de maneira estável,  
Porque as minhas contas,  
Sou eu quem sempre as paga.  
Pobre de quem tem de mostrar o que não é,  
Para se relacionar, ter um amigo;  
Graças a Deus, já combina mais comigo.  
Quando quero tomar um bom café,  
Sento-me ao lado de quem me faz feliz,  
Sem importar-me com o que o povo diz,  
Ou se para eles o outro é um "Zé Mané".  
Posso sempre escolher as amizades,  
Porque não tenho de agradar à sociedade,  
Com convenções quase sempre idiotas,  
Que pode se ajustar para as patotas,  
Mas são muito imbecis para os humanos  
Que sabem discernir e, ano após ano,  
Querem se libertar da ignorância  
Que o acompanha desde há muito, desde a infância,  
E que ele pode vencer e superar.

Assim que a minha vida terminar,  
Espero poder levar alguns triunfos.  
Porque se consegui uns poucos trunfos  
Foram produto da coragem de lutar.

### **Um conselho, talvez...**

Controle o seu astral, querida tia!  
Não veja o semelhante com desdém,  
Porque o mundo vai e o mundo vem  
E pode depender dele algum dia.

Não fique preocupada com esse alguém,  
Que insiste em tirar sua alegria,  
Porque só criará melancolia,  
Enquanto o outro vive muito bem.

Seu ódio, à sua tristeza vinculado,  
Nos momentos vividos, lado a lado,  
Cria raiz de mágoa, bem profunda.

Desvincular-se, é não ser sofredor;  
Essa é a receita contra o obsessivo,  
Que se empoleira na sua cacunda.

## **Espiritismo**

Você sabe o que é Espiritismo,  
Ou é dos que só fazem confusão  
E crê que a Umbanda, que usa a percussão,  
Também o é, com todo o ritualismo?

Como a Quimbanda, como o Candomblé,  
Ela é variante do espiritualismo,  
Igual à Seicho-no-ie, protestantismo  
Ou a doutrina que deixou Maomé.

Porque aplica, também, mediunidade  
Você a confunde com Espiritismo  
E ainda critica, com seu fanatismo,  
Que isso é uma afronta à espiritualidade.

Quero informá-lo, para orientação,  
Que Espiritismo é uma doutrina,  
Que Allan Kardec, nos livros, ensina;  
Basta que leia a Codificação.

Criou palavras próprias, nessa hora,  
Espiritismo, Espírita e, também,  
Disse que espírita é somente quem  
Estuda muito e sempre se aprimora.

Só quem combate a má inclinação,  
Com muito empenho e com sinceridade,  
Compreenderá que sem a caridade  
Não é possível ter-se a salvação.

Pense no assunto, e use por premissa,  
O que aprendeu, e o fez esclarecido,  
Pra não falar do que é desconhecido,  
E cometer, com isso, uma injustiça

## **Eu sou**

Meu nome?

Me chamo passado...

Sou a soma dos meus ontens

E a aspiração dos meus amanhãs.

Sou o herdeiro do que fui

E a esperança do que preciso ser.

Sou coletânea dos papéis que já vivi,

De erros e acertos,

De desejos e incertezas...

Meu nome é coletivo. A soma de personagens

Em muitos cenários, de terras distintas.

Meu nome? Deram-me um, por convenção,

Mas não sou ele. Este é provisório,

É a síntese do tudo e do nada;

Mostra uma pessoa, que não sou ela.

Não sou este momento em que me vêem.

Sou um universo condensado,

Trazendo em mim eternas criaturas

Que são, que foram, que serão, ainda.

Que vêm, que vão e vem e vão ... somando-se

Sou herdeiro de mim mesmo!

Meu nome?

"Eterno", quem sabe, é o que melhor defina.

Sou pedaços de perfeição, de átomos, talvez.

E eles, juntos, fazem o todo.

Sou parte do todo;

Sou consequência do amor...

Por isso, amo-me, como te amo, e amo tudo.

Porque não tenho alternativa.

Tenho de amar, porque sou efeito, não causa.

Preciso amar para seguir vivendo,

Para ser o eu, o eu que tu não sabes,

Por enquanto, quem é.

Não sou isso que aqui está, garanto-te.

O que sou, não irás entender. Não é ainda o tempo.

Sê feliz e contenta-te apenas por saber que

Eu sou.

## Encômios

É mister ser criterioso  
O elogio que se faz,  
Pra não soar aduloso,  
Vindo a conturbar a paz.

Nobre é o gesto atencioso,  
Porque ele sempre compraz;  
É um estímulo airoso  
Que mais anima o audaz.

Porém, tal qual os remédios,  
Usados contra os assédios  
Dos tantos males terrenos,

Para fazer bom efeito,  
Deve ser dado a preceito,  
Nunca demais nem de menos.

## Final dos Tempos

Se uma doença é apenas crônica  
Nós só tomamos alguns sedativos,  
O suficiente para estarmos vivos  
E assim deixar a nossa vida harmônica.

Tudo funciona como uma sinfônica,  
Se nos seguirmos os predicativos.  
Mas se vivermos só de paliativos  
A vida clama, até tornar-se afônica.

Mas as doenças hoje estão agudas,  
As leis de Deus por ora ficam mudas  
Para que o homem lute e não se eclipse.

A cada dia com um outro título  
Vamos vivendo um novo capítulo  
Desta novela: O nosso Apocalipse!



## **Além do céu, além do mar**

Logo depois do horizonte,  
Deus colocou uma ponte  
Para seguirmos viagem.  
Após a vida na Terra,  
Quando este ciclo se encerra,  
Nasce uma nova paisagem.

Não é ponte de concreto,  
É feita toda de afeto,  
Material da boa obra,  
Para transpô-la é preciso,  
Avirto, escute o aviso,  
Que amor exista de sobra.

Parece que é o fim da vida  
E a triste despedida  
Será para nunca mais.  
Por isso num epitáfio  
Colocam um texto sáfio:  
Aqui jaz, descanse em paz!

Mas o fim é recomeço,  
É um momento sem preço  
Porque é o tempo da colheita.  
Aquele que foi decente  
Vai ter, preferentemente,  
Lugar com Deus, à direita.

Findada a vida pequena,  
Verá que valeu a pena,  
Se foi sempre alguém honesto.  
Entregue ao Pai seu futuro,  
Acabou-se o tempo duro,  
Tudo é glória, tudo é festo.

## **Sacrifício por amor**

O sofrimento do Cristo,  
Peço-lhes, anotem isto,  
Não foi por morrer na cruz,  
Mas por deixar as alturas  
Por amor às criaturas  
E vir trazer-lhes a luz.

Dos páramos celestiais,  
O reino da eterna paz,  
Veio mostrar a humildade.  
Transportou-se até o planeta  
E, oposto ao anacoreta,  
Ensinou à humanidade.

Mas existe divergência,  
Tenta entender a ciência,  
Se o seu corpo era comum,  
Ou se Deus já o fez um harto  
E Ele não nasceu de um parto  
Como nasce qualquer um.

Isso não nos interessa !  
O que nos importa, à beça,  
São suas orientações;  
Ensinou seus seguidores,  
Mostrou a glória das dores  
E acalmou os corações.

Por ser superior e forte,  
Discutem se sua morte  
Foi mesmo algo sofrido  
Ou se por ter corpo etéreo,  
Que é tido como um mistério,  
Nada havia padecido.

Vinte séculos se vão  
E ainda há discussão  
Sobre o tal corpo do Cristo...  
Se com a morte desmanchou  
Ou se Ele desencarnou  
Sem haver mistério nisto.

Após a prisão no horto,  
Morreu na cruz. Mas o morto,  
Causou ainda mais pranto.  
Aquele que é o nosso fulcro,  
Não foi visto no sepulcro,  
Sumiu, como por encanto!

Porém, depois, Madalena,  
Em uma tocante cena,  
Logo avistou seu Jesus;  
Andava como um clarão,  
Quase sem tocar o chão,  
Brilhando, e envolvido em luz.

Ela que havia chorado  
Por ver que tinham roubado  
O corpo do seu Rabi,  
Sentiu-se muito contente  
Repetindo, alegremente:  
-Ele está vivo, eu o vi!

Tomé ouve, mas não crê:  
-Como pode isto dizer;  
Você delira, mulher!  
Porém o Cristo ao seu lado,  
Mostra-lhe o corpo chagado  
E assim reacende-lhe a fé.

Enfatizando a lição,  
Com a recomendação:  
-Como eu vou amei, amai!  
Deixou suas companhias,  
Após curtos trinta dias,  
Subindo, então, para o Pai.

## Poesia em mutirão

Às quartas-feiras, entre 14 e 16 horas, um grupo de cinco sócios da Academia Paraibana de Poesia reúnem-se para estudar versificação. São eles: Jorge Mariano Alves, Lucila Correia Lima de Macedo, Maria Dalva Barbosa Pessoa, Maria Lindalva Xavier Amaro e Octávio Caúmo Serrano. Na oportunidade, como exercício, compõem poemas, quando cada participante cria um verso.

Eis alguns exemplos:

## Amizade

Quanto vale uma amizade  
Só a dor pode mostrar...  
Precisa a sinceridade  
Contida no verbo amar.

O amor é um sentimento  
Que vem quando não se espera.  
Ele explode num momento  
Como flor na primavera.

Ser amigo é importante  
Para unir a humanidade.  
Por isso, invista bastante  
No cultivo da amizade.

## Prova de amor

Um momento especial...  
Era tudo agitação,  
Porque a força do mal  
Detinha o poder da ação.

Cumprindo a programação  
Da esfera divinal,  
Para a nossa redenção,  
Surge o primeiro Natal.

Com seu brilho incandescente,  
Jesus, por amor à gente,  
Fez-se grande conselheiro;

Mas não foi reconhecido,  
Razão de ter padecido  
A humilhação do madeiro.

## Silêncio

Gosto de falar com Deus  
No silêncio da minh'alma,  
Na quietude que me acalma  
Na busca dos sonhos meus.

No silêncio busco a calma  
Como o sono de Morfeu,  
Para harmonizar o "Eu"  
E assim vencer os meus traumas.

Silêncio nunca é demais.  
Afasta as coisas banais  
Dada à boa vibração.

Findo o colóquio amoroso,  
Agradeço ao Poderoso  
Numa singela oração.

## **Livro**

Ninguém sente solidão  
Tendo algum livro por perto.  
Se bom, é como um irmão,  
Qual a água no deserto.

Logo depois que é aberto  
Nos causa grande emoção,  
Desde que ele ensine o certo  
Para a boa formação.

Fonte d'água cristalina,  
Livro, inspiração divina,  
Que traz para a humanidade

Sabedoria e prazer;  
Mata a sede do saber  
E nos descerra a verdade.

## **Juras**

Aquelas juras de outrora,  
As quais eu relembro agora,  
Feitas com tanto carinho,  
Estão ainda presentes,  
Machucando a minha mente,  
Como se fossem espinhos.

Espinhos como os da rosa,  
Essas juras mentirosas  
Deixaram marcas em mim.  
Não sei como as criaturas  
Se utilizam dessas juras  
Trazendo dores assim...

## **Não se deixe vencer**

Meus pais me ensinaram: - Seja bom, ajude as pessoas, seja honesto. Não só com o dinheiro, mas seja verdadeiro nas atitudes.

Crescia, e já nos primeiros anos eu percebia como seria difícil viver como me ensinaram. Mas eu tinha de esforçar-me e ser bom filho. Ganharia o céu!

Disputando as primeiras namoradas ficou claro o que me esperava. A decência tinha de competir com a hipocrisia. Mas eu não desistiria.

Cresci, formei-me e saí em busca de trabalho. Sem amigos ou políticos que me recomendassem fui pelo caminho normal. E começaram as decepções...

-Sem experiência não podemos contratá-lo. Desculpe. -Só pagamos salário mínimo, porque você nunca trabalhou. -No escritório não temos, se quiser como operário... -Sei que tem diploma, mas outros também têm. -O emprego que temos não é para o seu nível. Lia jornais, falava com pessoas, procurava agências e nada! Qualquer coisa servia para começar; mas não havia nada.

Certa tarde, cansado, lembro-me que sentei na soleira de uma porta, pensando nas injustiças do mundo, com fome e perdido na multidão.

Um "carinha" me olha e pergunta: -E ai, meu, tudo certo?

Estranhei, mas que mal havia em falar com ele! - Legal não tá. Tô procurando serviço e não acho. Faz quatro meses.

-É, emprego não tá fácil. Se quiser, posso arranjar um quebra galho, até "pintar" algo melhor. É coisa "maneira", mas dá pra faturar uma "graninha".

Será que chegou o meu dia, pensei. -Tem trabalho pra mim? perguntei-lhe.

-Pode ser. Eu trabalho para uns "caras" que vendem um pó pra curar dor de cotovelo, briga de família, traição... É remédio barato! A gente compra e revende. O lucro não é grande, mas dá pro arroz e feijão...

-Remédio! Mas quem vende remédio é farmácia...

-Esse não, meu. Esse tem de ser tête-à-tête e em dinheiro vivo... Toma lá, dá cá. Da fábrica ao consumidor, tá ligado? E aí? É pegar ou largar.

Tantas lutas pelo céu e agora à beira do inferno. Vou arriscar. Saio logo dessa.

-Falou, cara. Dá a dica. Qual é o barato?

-É assim que se fala, irmão. Vamos nessa!

Semana passada completei vinte e oito anos. Não fiz carreira como vendedor, mas virei consumidor do tal remédio que cura tudo. E como nunca tenho dinheiro, pra consegui-lo já roubei, matei e sei que logo parto desta pra melhor. Fazer o que? Eu bem que tentei ser honesto, mas não deu.

Nos poucos minutos que a minha cabeça ainda me deixa pensar, eu analiso e vejo como é difícil alguém ganhar o céu. O ser humano aqui da Terra não leva a sério essas coisas de amor ao próximo. Talvez em algum planeta haja quem se preocupe com os outros.

-Sou escravo do maldito pó. Sonhei ser homem e hoje não passo de uma droga.

Menção honrosa da Academia Literária Gaúcha no 3º Concurso Nacional de Crônicas e Poemas – 24/9/99



## Valentia e sutileza

Ele, quarentão, tipo esguio, musculoso, olhos claros, daqueles que as moças não deixam em paz.

Ela, quinze anos, corpo de mulher, cabelos cuidados, pernas grossas e roliças, dentes alvos, olhos penetrantes, sorriso maroto.

Olharam-se, mas ele não deu muita importância. Era jovem demais. Mas ela apaixonou-se. Teria de conquistá-lo.

Não foi difícil. Com seu jeito dengoso, angelical, envolvente, em pouco tempo, casaram-se.

Dez anos e tudo corria bem. Mas ele chegou nos cinquenta e ela nos vinte e cinco. Em plena fogueira. O amor havia esfriado. Ter outro, porém, nem pensar.

Dadinha se controlava, embora tivesse para os da sua idade e tivesse sonhos eróticos. Zé Bento me mata se souber que eu ao menos penso noutro homem. Não tem jeito. Entrei nessa, pensava, vou ter de ir até o fim.

Quando saíam à rua, ele tinha quatro olhos para vigiá-la. Ai de quem a olhasse porque ele dava uns sopapos bem depressa. E todos conheciam seu gênio. Falava e fazia.

Dadinha tem uma idéia. Não dizem que picada de cobra se cura com veneno de cobra? Era isso.

Começou a sair para as compras e na volta reclamava do Toninho. Lançava um pouco de veneno. Inventava, mas...

-Zé, Toninho mexeu comigo...

-Que foi que ele disse?

- Não sei direito, porque não escutei bem. Mas coisa boa não foi.

-Eu mato aquele cara!

-Calma Zé, não fica nervoso. E lhe fazia um carinho.

Passados dois dias, lá vinha Dadinha.

-Zé, Toninho me falou umas graças. E me olhou com uns olhos de desejo. Até trancou a boca e me olhou chian-do.

-Ah, mas eu pego aquele cabra. Que é que ele está pensando. Mexer com mulher casada...

E assim caminhava o tempo.

Certo dia, Zé Bento encontra Toninho e vai tomar sa-

tisfação.

-Você anda mexendo com a minha mulher, não é, seu safado. Melhor parar porque eu quebro a sua cara.

-Quebra nada, Zé. De mais, não estou mexendo com ninguém. Eu já tenho mulher e sei respeitar a mulher dos outros.

-Ve lá, eu te mato, hem.

E Dadinha continuava a pôr veneno no coração de Zé Bento.

Um dia, Zé estava nervoso, problema no trabalho, falta de dinheiro. Quando Dadinha contou que Toninho tinha falado umas graças para ela, ele saiu e encontrou o rival.

-Fala agora, moleque, o que você fala pra minha mulher.

Antes que Toninho abrisse a boca, meteu-lhe um tiro na testa e derrubou-o no meio da rua, para espanto de todos.

Preso em flagrante, Zé Bento foi julgado e condenado por homicídio premeditado.

Dadinha chorou muito e repetia:

-Zé, por que você fez isso? Eu não vou agüentar viver sem você.

Nos primeiros meses, ia visitá-lo todos os dias. Depois uma vez por semana, uma vez por mês. Enquanto isso, tinha todos os homens jovens e bonitos com os quais realizava suas fantasias e seus romances.

Um dia, bate à porta um mensageiro.

-A senhora é dona Dadinha?

-Sim, eu mesma.

-Esposa do Zé Bento, preso la na Gamela?

-Isso mesmo.

-Tenho uma notícia pra senhora. Seu marido foi encontrado morto na cela. Enforcou-se com um lençol.

Dadinha estava viúva. Enfim, livre por inteiro. Tudo o que ela mais desejava. Mas, em vez de ficar contente, Dadinha, naquele dia, chorou, copiosa e convulsivamente.

## Violência

Pobre da nossa grande João Pessoa,  
Entre as mais verdes do nosso planeta,  
Porque a coisa já está ficando preta  
E a situação não anda nada boa.

Vivem cantando esta cidade em loa,  
Fazem barulho em forró e em retreta  
Querem turistas, mamar nesta teta,  
É o resto fica como coisa a toa.

Até a Lagoa já virou cenário,  
Onde o bandido, grande salafrário,  
Vive roubando e ri em desafio.

De nada adianta o nosso mar ser verde,  
Ter muito sol, pra descansar, e a rede,  
Se a nossa vida anda por um fio.

## Receitas de fé

Diz que tem fé, só porque acende vela,  
Mas nada faz pelo seu semelhante.  
Assim sua fé se perde num instante  
E para nada se aproveita ela.

Há que ajudar, quando em meio à procela  
A criatura segue vacilante,  
Encorajá-la a seguir adiante,  
Para não ter a mesma sorte dela.

É importante para os corações,  
Rezar o terço, fazer orações,  
Para acalmar-nos. Mas aqui eu quero

Recomendar-lhe: -Ampare o sofredor,  
Porque sem isso tanta fé e amor  
Serão inúteis, puro lero-lero.

## Uma fala naturá

Si eu num tivesse istudado  
Mermo que falasse errado  
Fazia de um otro jeito  
Igual os caba da roça  
De quem us povo fais troça  
I sempre perde u respeito

Os verbo eu num cunjugava  
Os prurá num concordava  
Fazia as minhas palavra  
Mostrava pra tuda gente  
Muita coisa deferente  
Nacida da minha lavra

Seria mais naturá  
Eu num ia cumpricá  
Como fais gente que istuda  
Que fala tantas bestera  
Crente que é de boas manera,  
Mais é mais farsa que Juda

Quando si fala a vredade  
Sem artificialidade  
Num pricisa inventa tanto  
As palavra vem sozinha  
Sai da boca redondinha  
I espaia pra tudo canto.

Mais como tô istudado  
O simpre é cumpricado  
I as ispressão sai forçada  
Fico cuidando das frase  
Dos acento, ponto i crase  
Pra nu fim num dizê nada.

Devia se escrevê muié  
Pondo um acento quarqué  
Pruque u que importa é u são  
Tirá u "x" do idioma,  
Cidilha i as coisa que imbroma  
I cumprica as ispressão.

Mais como sô irudito  
Si eu erro iscutu os grito  
Das recramação de oceis  
Mais na otra incarnaçãõ  
Vô nascê lá no sertão  
E fazê meu portugueis.

## Visão estreita

Morrer cedo, geralmente,  
É prêmio, não é castigo.  
Ouça isso, minha gente,  
Porque eu sei o que lhes digo.

Todos pensam diferente,  
E crêem que o mais antigo  
Devia morrer na frente,  
Se Deus fosse mesmo amigo.

O que acontece é que a morte  
Não é o final da sorte  
E nisto preste atenção:

Aquele que morre cedo,  
Anote, porque é segredo,  
Fez jus à libertação.

## **Uma pergunta**

Nós vemos tudo no mundo  
No formato relativo,  
Porque bonito e imundo  
Nunca são definitivos.

Quem hoje sofre, amanhã,  
Terá dias mais ditosos;  
Quem é feliz, minha irmã,  
Pode tê-los tenebrosos.

Indagou certa donzela,  
De olhar forte como a onça:  
-O que é felicidade,  
Seu Jerônimo Mendonça?

-Tantos anos na agonia,  
Aqui de costas deitado,  
Doente, pra mim seria  
Poder virar-me de lado...!

Nota-Jerônimo Mendonça, mineiro  
de Ituiutaba, Minas Gerais,  
tetraplégico por mais de 20 anos,  
cego, que construiu respeitável  
obra social.

## **Trovas para reflexão**

Quem canta a sua humildade,  
Faz propaganda amiúde,  
na verdade, é um convencido,  
nunca teve essa virtude.

## **Simplesmente, um dia**

Um momento raro da beleza crepuscular.

Intenso vermelhidão anunciava que o sol se despedia. Cumprira sua tarefa no ocidente e deslocava-se para o lado oposto do planeta, onde um novo dia já começava a raiar.

Desce o luto porque a noite é sem lua.

Uma luz, qual pirilampo, pisca, no horizonte. Um barco, quem sabe. Um pescador que se serve do silêncio para entranhar-se na natureza, na continuidade da vida. Ou, talvez, namorados que se internaram na solidão do mar, para escutar as estrelas e o bramir das ondas, que entoam melodia para ouvidos afinados, sintonizados com Deus.

É a voz da natureza, que raramente ouvimos, na fala intermitente. Vivemos ocultos na clausura das coisas miúdas. É a melodia do amor intenso, que ama tudo e todos, incondicionalmente.

Para mim, mais um dia. Cheio dos vazios da tristeza e das incertezas do amanhã. Dia pelo qual apenas pude transitar. Nada deixei, nada levei; nada ensinei, nada aprendi. Passou fugaz.

Quantos dias assim eu já vivi! Ocos de utilidade, de amor e entendimento. Por quê meus dias são assim?

Enquanto hiberno, o sol trabalha. Enquanto lamento, ele está agora do outro lado, vivo e altivo como há pouco estava aqui. Não pára, não descansa, porque nunca está cansado. Oferece a vida que todos precisamos, porque dá saúde e luz às almas.

Confiro no calendário dos homens e vejo o tempo perdido. Dias, meses, anos, décadas. No entanto, bastaria um só segundo para reverter o desânimo e imitar o sol. Num átimo, eu poderia ser um homem novo e fazer com que parasse o tempo para sentir felicidade. Viver na intensidade do segundo e abandonar a apatia que domina o tempo inteiro. Se quiser, eu posso. Mas não sei. Preciso de alguém que ajude e explique porque permaneço enterrado no chão, quando devo viver nas nuvens, nos ares, nos céus.

Busco uma receita que faça com que eu compreenda a simplicidade deste minuto espiritual que vivo na Terra. Que

eu me despoje de cargas pesadas e fúteis, descartáveis no momento da sublimação. São lastros de chumbo a me manter afundado e impedem que eu decole: Meus melindres, minha ganância e minha inconformação.

A vida não é isto, mas que posso fazer se ainda não aprendi a viver.

## **A fruta e a semente**

Até um tolo saberá nos responder  
Quantas sementes há dentro de uma maçã,  
De uma laranja, de uma pêra ou da romã,  
Que novas plantas hão de vir-nos dar prazer.

Porém o inverso ninguém saberá dizer:  
Uma semente, ou mesmo outra sua irmã,  
Tem quantos frutos no seu seio? Esta manhã,  
Meio intrigado eu perguntava sem saber.

Não é possível a um homem saber tudo,  
Há muitas coisas que o confundem, deixam mudo  
Pois não é tudo que ele pode assimilar.

Deve lutar por viver bem com o semelhante,  
Estar feliz com o que sabe e ir adiante,  
E o tempo, aos poucos, tudo vem lhe revelar.



## Profecias

Ia o mundo acabar na quarta-feira,  
Segundo um tal de senhor Nostradamus,  
Que dizem ter, já desde muitos anos  
Previsto fatos. Tudo uma besteira!

Os pobres homens crêem na brincadeira  
E não percebem que só os profanos  
Crêem num Deus, que só comete enganos  
Deixando ao léu a humanidade inteira.

Muitos milênios fazem nossa história.  
Nosso planeta vai se encher de glória  
Porque o amor há de vencer o mal.

Podem estar certos que o mundo prossegue  
E um dia o bem vai imperar, sossegue,  
E todos dias hão de ser Natal.

## O Professor

Grande prazer sente aquele que ensina  
E tem no aluno alguém interessado,  
O que pergunta, quer ser informado  
Tudo realiza, tendo disciplina.

Faz as lições e de tudo se atina,  
Pergunta sem ficar complexado,  
Fica contente por ter ao seu lado  
Quem o ajude a melhorar sua sina

O que é mestre, e hoje dá lições,  
Já recebeu em outras ocasiões  
A mesma ajuda vinda de outra gente.

Assim é a vida, essa eterna troca,  
No mesmo ponto sempre desemboca,  
Para que juntos sigamos em frente.

## **O palhaço**

Quando nós fomos ao circo  
O palhaço em palhaçada  
Deu diversas cambalhotas  
Fez sorrir à criançada.  
Não nos passou pela mente  
Que ele, como toda gente,  
Tivesse uma dor guardada.

Disfarçava a gargalhada  
Um coração em pedaços,  
Que pulsava, destroçado,  
Sentindo a falta do abraço.  
Vivia uma privação,  
Deixou em casa um caixão  
Com o seu peito em bagaço.

Depois de uma vida longa  
De amores, filhos e neto,  
A esposa está indo embora  
Não mais lhe dará o afeto.  
Mas, mantendo acesa a chama,  
Ele de nada reclama,  
Mantém-se na dor discreto.

Quisera que eu pudesse  
Ser igual a esse palhaço,  
Que no seu corpo de carne  
Leva uma alma de aço,  
Sempre põe a humanidade  
Sobre a individualidade,  
Sofrendo só, seu pedaço.

Quanta gente há pela rua  
Seguindo no anonimato,  
Nos parecendo feliz  
Mas se ouvirmos seu relato,  
Ficaremos surpreendidos  
Que nossos próprios ouvidos  
Recusarão crer no fato.

Uns tem coragem, outros não;  
Uns são fortes como a rocha,  
Outras parecem manteiga.  
Derretem se alguém o arrocha.  
Como árvore caída,  
Tombados com pouca vida,  
Ficando apenas a tocha.

Tu que és meu amigo, aprenda  
A camuflar as tuas dores,  
Não espalhando e as mostrando  
Em cada lugar que fores;  
Agradece pela vida,  
Pois na prece comovida  
Deus te manda Seus louvores.

Quem desejar ser feliz,  
Tenha uma vida serena,  
Aprenda com o palhaço  
Que fazer rir vale a pena.  
Só assim seu sofrimento  
Terminará num momento,  
Garanto nesta setena.

## **Tudo por amor**

Ela, dezessete anos. Bonita, com sonhos a povoar-lhe a mente. O príncipe encantado a atende nos mais minuciosos anseios.

Filha única, família importante, vive em conceituada cidade do interior de Minas Gerais. Sua mãe, respeitável senhora da sociedade local e o pai, político influente. São figuras obrigatórias nas sociedades e em todos os eventos.

Apenas estuda. Busca uma formação cultural para nivelar-se ao noivo, cobiçado jovem da cidade, que acaba de formar-se em medicina. É competente obstetra que, além de trabalhar no hospital da cidade, tem seu bem montado consultório, presenteado pelos pais.

Programam casar-se em seis meses. A casa já esta decorada e a lua de mel, depois de uma festa como a cidade jamais vira, será em Veneza. Com direito a passeio pelos canais, ouvindo os gondoleiros com suas canções.

Acabara de voltar da faculdade e caminha pelo florido parque da cidade. Um local aprazível e pacato. Um dia de semana, quando pouca gente sai a passeio. Mas a cidade é calma e não há perigo.

Todavia, como trama do destino, que às vezes tenta entrar-nos a felicidade e altera o que era impossível de dar errado, ágil como um gato, um louco salta à sua frente, tapa-lhe a boca e a conduz a um lugar ermo. Asfixiada, desmaia e o maníaco se aproveita para destruir o tesouro que guardava para o seu eleito: sua honra de donzela, que ali desaparece sem que ninguém explicasse por quê.

A família, preocupada, porque a noite chegara, sai a sua procura. Precisaram recorrer à polícia, que rapidamente a encontra. De roupas sujas, com dores e desconforto, imagina que tivera um mal-estar e desmaiara.

Mais calma, consegue recordar-se da cena. Fora atacada. De nada mais se lembrava.

Levada aos médicos, realmente havia sido estuprada e resta saber que conseqüências o ato provocará.

Passado o tempo necessário, exames e nenhuma contaminação. A gravidez, porém, estava confirmada.

A revolta dos pais é a de sempre:

-Por que na nossa casa? Por que com nossa filha? Diante disso, lhe aconselham o aborto para limpar-se da sujeira que seu ventre carregava, resultante de um ato agressivo e sórdido.

Consultada, a jovem é incisiva: -Não admito, sequer, discutir o assunto. Meu filho vai nascer.

Desde o início, ela sentia uma alegria interior que a unia intensamente àquele ser que começava a ter vida em suas entranhas. Uma luz se acendera dentro dela, fazendo-a esquecer o momento de dor que parecia trazer-lhe desgraça e infelicidade, irreparáveis.

Suas convicções espíritas, que jamais havia revelado aos pais católicos, davam-lhe a certeza de que não herdamos dos ancestrais a moral e o sentimento. Os pais apenas nos fornecem um novo corpo para que a alma, que há muito já existe, possa viver novas experiências.

Repetiu, enfaticamente: -Meu filho viverá.

O noivo não aceita a decisão. Concorda em desposá-la, apesar de tudo, mas não criará o filho de um maníaco, que, certamente, terá os mesmos instintos perversos do pai. Estará concorrendo para oferecer mais um monstro à sociedade.

Ela, irredutível e convicta, espera o filho nascer.

O doutor, desinteressado pela sorte da moça, nem lhe oferece seus préstimos profissionais. O destino os separa, irreversivelmente.

Ela, sem abalar-se, tem absoluta certeza do que faz e deseja. Chega ao hospital onde em pouco tempo vem ao mundo um bonito e saudável menino. Perfeito, fisicamente.

Com muito leite, ela o alimenta com prazer. Ele, ao sugar-lhe o peito, extrai o sustento com lhaneza. Parece que não quer feri-la; nunca. Se o nenen é pequeno, o espírito que o anima já se demonstra um gigante de sentimentos, o que comprova até pelo jeito delicado de mamar.

Passam-se os anos e o menino se desenvolve. É motivo de alegria para a mãe, que o amou desde o primeiro segundo de vida. Inseparáveis, completam-se.

Na escola, goza da simpatia de todos e, apesar de não

ter pai, o que realça numa cidade de interior, ninguém o discrimina. É bom colega, as meninas já o paqueram e os professores o respeitam pelo interesse e responsabilidade que dedica aos estudos. A mãe já o havia deixado a par do acontecimento e o fato de ter nascido de um estupro não o incomodava. Amava-a ainda mais por haver lutado pelo seu nascimento.

Estuda línguas, pratica natação. Tem corpo de atleta.

Os avós aprenderam a amá-lo e esqueceram os traumas do seu nascimento. Acreditam, mesmo, que a determinação da filha valeu a pena.

Chegam as férias e os dois saem em merecida viagem de recreio. Mãe e filhos, felizes, botam o pé na estrada...

Oito horas de uma manhã ensolarada. De repente, um carro que ia à frente despenca do alto da ponte para o fundo do rio.

O moço não pensa duas vezes. Estanca o veículo e, ágil, joga-se nas águas, mergulha e retira um homem que tivera um mal súbito.

Levam-no aos hospital, enquanto a mãe, emocionada, admira a coragem do seu "querido menino". Atendido, o homem fica fora de perigo.

Informado do acontecimento, tem muita vontade de conhecer e compensar o jovem pelo seu gesto corajoso. Pede que o convidem a vir visitá-lo, pois seus dados foram anotados na portaria.

Amável e simpático, como de hábito, atende ao chamado e volta ao hospital para conversar com aquele estranho. Vai na companhia da mãe que se mantivera em silêncio durante todo o episódio.

Quando o paciente viu a mulher, levou um susto e perguntou-lhe:

-Que faz você aqui?

-Vim acompanhar meu filho, que atendeu ao seu convite.

-Seu filho!?

-Isso mesmo, meu filho. Aquele menino que o doutor não quis aceitar e a quem, agora, deve a sua vida.

Num longo e emocionado silêncio, todos se abraça-

ram, sem que o jovem compreendesse o que estava acontecendo, porque esta parte da vida de sua mãe lhe era totalmente desconhecida.

## **Prova de Amizade**

Seu Severino Lucena  
Da Funerária São João,  
Ofereceu-me o caixão  
Pra quando eu sair de cena.

Foi delicadeza plena  
Desse homem de expressão,  
Gesto de grande atenção  
Com esta alma pequena.

Hoje estou mais sossegado,  
Já posso ser transportado  
Pra cidade dos pés juntos.

Porém, Lucena, ouça essa,  
Declaro não tenho pressa  
De ir morar junto aos defuntos.

## Cirurgias plásticas

Notícias do jornal O Norte, da Paraíba, dizem que depois do presidente Fernando Henrique, outro político de peso, nesta nossa pátria de divisões malvadas, submeteu-se a uma cirurgia plástica estética, em um dos melhores hospitais de São Paulo, o que o remoçou 12 anos: O senador e imortal maranhense José Sarney. Inicialmente estranhamos a precisão do rejuvenescimento, 12 anos. Nem 11 nem 13.

Poderíamos, ao comentar neste texto sobre cirurgia plástica, lembrar velho provérbio oriental: "De que vale a postura do corpo, se a alma está de joelhos". Que medo é esse que assusta o ser humano, impelindo-o a permanecer jovem, mesmo por meio de artifícios. A verdadeira juventude é a da alma, porque reflete o estado de consciência. Quem está de bem com a vida, tem equilíbrio e dosa corretamente suas palavras, suas atitudes e o dispêndio de energia, mantém-se jovem. Mais que isso, mantém alma e corpo em sintonia. São complementares um do outro e jamais se chocam. Sente paz na sua intimidade, aliada a uma eterna alegria.

O envelhecimento da criatura da terra, com a natural degeneração genética, está relacionado a muitos fatores. O alimentar é um deles. Recentemente assistimos a um programa em que o especialista dizia não haver tantos problemas de obesidade, e conseqüentes doenças cardíacas, quando fazíamos do arroz e feijão a nossa refeição básica. A partir da época que decidimos copiar dos ianques dos "cheeses" e harmbúrgers, regados a maioneses e catchups, o colesterol se instalou na vida dos brasileiros causando-lhes enfermidades e trazendo-lhes uma engorda insalubre. Além da má qualidade da comida, o tempo gasto na refeição é algo inaceitável. Almoçamos em poucos minutos. Na verdade, abastecemos-nos, como fazemos com o carro no posto de gasolina.

Lembramo-nos de recomendação de Hipócrates, o pai da medicina, quando ensinou as regras para uma boa refeição: "Coma os alimentos líquidos e beba os alimentos sólidos", mostrando que deve haver longa e correta mastigação



e adequada ingestão de líquidos. Aliás, os líquidos às refeições nunca deveriam estar presentes. Beber horas antes ou horas depois de comer. Dizia ele mais, para enfatizar o que afirmava, "se o estômago não tem dentes, mastigue com a boca." Todavia, sabemos que esse não é o único fator de desequilíbrio orgânico. A vida estressante que levamos na busca da sobrevivência e de muitos valores dispensáveis, causa-nos desgastes que provocam distúrbios. Engordar é ter muitas vezes a tireóide funcionando mal e esta glândula desempenha importantes funções metabólicas.

A harmonia entre corpo e alma não se obtém pela cirurgia. E a partir de certa idade, artificializar-se para ficar jovem, não tem sentido. O vigor físico no velho transforma-se em bondade, inteligência, experiência e serenidade. Só envelhece adequadamente, quem vive de verdade e não se ilude. A vaidade física deve ser abolida e substituída pela competência, quando mostramos que valeu a pena viver, porque temos valores de caráter construídos ao longo da nossa estrada.

Estamos sempre inconformados com o que Deus nos oferece. Quem tem seios grandes, opera-os para diminuir. Quem os tem pequeno enche o corpo de silicone para dar formas, tirar rugas o que acaba comprometendo a alma que já não consegue se encaixar no envoltório físico. Lembremos do texto evangélico que diz "ninguém põe remendo novo em pano velho". E cirurgia plástica por vaidade, em muitas circunstâncias, encaixa-se nessa advertência.

Apesar deste preâmbulo, como isso é problema de cada um, quem quiser que o faça. O que realmente nos causou surpresa, foi que o ex-presidente, para ficar mais bonitinho, mandou interditar todo um andar desse hospital de primeiro mundo enquanto na rede pública faltam marcapassos cardíacos, faltam remédios, faltam médicos, faltam leitos o que faz com que as criaturas fiquem armazenadas nos corredores. Todos gostaria de ir embora pra Passárgada e ser amigo do Rei. No entanto, só alguns podem isolar todo um andar de um hospital para ser atendidos com privacidade, ou porque têm dinheiro, e crêem que tudo lhes é permitido,

ou porque sua representatividade lhes dá azo a privilégios, que depois retribuem oferecendo vantagens aos que tiveram com eles tão apreciada generosidade. Mas esse exemplo não devia ser dado por um homem que viveu da política toda a sua vida, sendo sustentado pelo povo.

Será que depois da morte, servindo-nos de expressão popular, tudo termina em pizza? Será que Deus fechará os olhos e cruzará os braços e vai ficar por isso mesmo? Ou será que os que assim agem retornam em outra vida como os mendigos e andarilhos das nossas ruas, a recolher comida nos lixos, porque usaram mal os talentos que Deus lhes confiou. Não sabemos. O que sabemos é que a justiça de Deus não segue a cartilha dos homens. Eles lêem o Evangelho, mas não vivem. Conhecem a parábola do Rico e do Lázaro, mas não acreditam que, na prática, o epílogo seja realmente conforme enunciado por Jesus. Mas nós que acreditamos na honestidade do Mestre, sabemos que nada será quitado, enquanto não for pago até o último ceutil.

Deus tenha pena dos equivocados porque semeiam apenas ventos e se obrigarão, como consequência, a colher duras tempestades.

## **Trovas para reflexão**

A juventude independe  
da idade que o homem tem  
há velhos que surpreendem:

são jovens como ninguém.

## Caminar

i Mientras me voy por la orilla,  
Vuela mi alma sencilla,  
Hacia donde no lo sé...!  
Camino con largos pasos,  
Se me olvidan los fracasos  
Y, aún más, agrando mi fe.

Despacio, tiro las pemas,  
Las que hacen las cadenas  
Que aprisionan nuestro alma.  
Las desahago como al água  
Y nuevo plan se me fragua,  
Sólo asi todo se calma.

Las espumas a rodar,  
Sobre las olas del mar  
Van llegando hacia mis pies,  
Embrujañ mi pensamiento  
Y cada nuevo momento  
Es como primera vez.

Entre jóvenes y viejos,  
Mientras camino, hacia lejos,  
En este viaje de sueños,  
Nada me importa en el mundo,  
Me siento un hombre fecundo  
Y de mi, mi propio dueño.

Nada veo alrededor...  
Hago mi mundo mejor,  
Sigo al "Padre" y a su ley,  
Tengo Dios por compañero,  
Yo soy su hijo y heredero,  
Por eso me siento un rey.

**Destaque literário no V Concurso Internacional de Cruz Alta-RS**

## Realidades

Olhei no espelho...! O que vi, então?  
Um velho homem, já meio alquebrado,  
Cabelos brancos, e que poucos são,  
Numa cabeça de um rosto enrugado...

Dentro do peito, escuto um coração!  
Mas pulsa fraco e já desgovernado,  
Pois sofre assédio da hipertensão,  
Lesões nascidas de um duro passado.

Mas como a vida é uma grande festa,  
Quero viver o saldo que me resta  
Com o otimismo próprio da alegria!

Prometo a todos que, daqui pra frente,  
Serei feliz e seguirei contente,  
Sorrindo até o meu último dia.

## Fim de sonho

Por mais que ela insistisse, ele ficar não quis...  
Nas juras que a amava, disse: -Ainda é cedo!  
Terá de ter paciência e não ficar com medo,  
Em breve aqui regresso e a farei feliz...!

-Camufle entre nós dois o bonito segredo,  
Pois eu a quero tanto, doce genetriz...  
É a mulher ideal para ser a matriz,  
De um tempo a apagar, do meu passado azedo.

Em pranto, ele se foi; deixou nela um vazio;  
No oco e triste ventre, já não pulsa o cio...  
Restou-lhe só tristeza no amargor da vida...

Mas guarda inda no seio, cheia de esperança,  
O leite, nutriente para essa criança,  
Que disse: - Eu volto em breve, espere mãe querida!

## **Relação com Deus**

Nasci e me puseram numa igreja  
Dizendo que era preciso que eu rezasse  
Para que, então, me encontrasse,  
Só assim, diziam é possível que Ele o veja,  
Tome conta de você, melhore o seu estado.  
Se você não orar, não vem ajuda,  
Por mais que você queira que Ele o acuda,  
Ele nunca saberá, pois não recebe o seu recado.  
-Mas e os mudos, como rezam? perguntei.  
-Os cegos, como vêem a cruz? indaguei.  
-Como podem ler a Bíblia os que são analfabetos?  
Vão ficar jogados ao leu e deserdados  
E aumentar, ainda mais, os seus pecados?  
Somos amados por Deus, filhos diletos  
Do nosso Pai bondoso e Criador,  
Que decidiu enviar Nosso Senhor  
Jesus Cristo para ensinar a humanidade.  
Ela não o amou, só crueldade  
Foi o que oferece ao Salvador.  
Só sei que é importante o homem ter fé,  
Cultivar a verdade e o trabalho,  
Oferecer a cada pobre um agasalho  
E amparar quem não pode estar de pé.  
As igrejas! Ora são todas secundárias,  
Porque ali também se encontram muitos párias  
Envoltos em dispendioso pano nobre,  
Que, na verdade, muita vez, encontre  
Mazelas que se disfarçam em fala mansa e estudada;  
Em bondade profissional, bem trabalhada,  
Que é para tirar algum proveito.  
Por isso é que não acho ser direito  
Ter de ir à Igreja para orar e dar dinheiro  
Se posso oferecer a um companheiro  
Esse auxílio, para ajudá-lo a levantar.  
Comprometo-me a, se houver tempo, ir ao culto,  
Mas enquanto houver aqui da dor um vulto  
Vou atender a quem precisa e só depois irei rezar.

## A menina que não nasceu

Eu, dentro dela, podia ler seus pensamentos.  
A minha mãe não me queria como filha.  
Não cogitava de formar uma família,  
Pois desejava só curtir seu bom momento.

Ainda moça, ela pensava, e isto me humilha,  
Que eu seria um grande estorvo, um tormento,  
Antes de um bem, iria dar-lhe sofrimento  
E sua vida sofreria uma partilha.

Agoniada, diante da expectativa,  
Eu já sabia não haver perspectiva  
De um dia eu poder nascer entre vocês.

Estava certa no que me atemorizava,  
Pois quando mais tranqüilamente eu repousava,  
Ela de si me expulsou, no terceiro mês.

## Símbolo de fé

Na Palestina, houve no tempo de Jesus,  
Um instrumento de madeiras amarradas,  
Onde as pessoas nele eram humilhadas,  
Postas pregadas, no formato de uma cruz.

Os que eram maus, ao perdão não faziam jus,  
Por ser pessoas entre as desclassificadas,  
E seu destino era morrer crucificadas,  
Vendo extinguir-se, pouco a pouco, a sua luz.

Mas o instrumento que era ignominioso,  
Se transformou, depois, num símbolo glorioso,  
Quando Jesus o ocupou cheio de fé,

E a cruz, depois da cena injusta e odienta,  
Não mais humilha, hoje é o que nos sustenta,  
Porque é a pilastra que mantém o homem de pé.

## **Epílogo**

Se você chegou ao fim,  
Conseguiu ler meus escritos,  
Pense, tintim por tintim,  
E se viu algo bonito,

Peço-lhe escreva pra mim  
Mesmo um bilhete restrito,  
E eu fico esperando, enfim,  
Neste mundo onde hoje habito.

O mundo é o da poesia,  
Onde quase todo dia,  
Ainda que num verso tosco,

Com cochichos, novidades,  
E para mostrar verdades  
Deus vem segredar conosco...!

**Sr Magno-Contra capa (na cor da capa com letras brancas (?))**

A capa deste livro mostra o belíssimo pôr-do-sol na praia fluvial do Jacaré, em João Pessoa- PB, localizada no encontro dos rios Sanhauá e Paraíba. Ali, depois de misturados, eles desaparecem no Atlântico, na cidade portuária de Cabedelo. À beira do Sanhauá nasceu João Pessoa, a terceira entre as cidades mais antigas do Brasil. Foi no Porto do Capim, onde os criadores retiravam o alimento para os animais e o levavam em carroças até a cidade alta, subindo pela Estrada do Carro, atual Rua Barão do Triunfo, no histórico bairro do Varadouro. O pôr-do-sol é festejado diariamente, ao som de o Bolero de Ravel. Nos fins de semana e dias festivos é executado por músicos afamados e já foi, até, pela Orquestra Sinfônica da Paraíba.

**REGISTRO ISBN 85-7539-064-3**





Orelha do Livro

## *O Grande Mar*

Octávio Caúmo Serrano é paulistano, nascido em 1934, e vive há mais de cinco anos em João Pessoa, na Paraíba.

Participa da Academia Paraibana de Poesia e da Associação Paraibana de Imprensa, onde é jornalista militante.

Espírita há mais de trinta anos, tem a sua poesia voltada, com prioridade, para o sentido espiritual da vida, quando busca criar mensagens e alertas para transmiti-las pelos versos.

Faz o mesmo na prosa, já que é escritor e colaborador de vários

jornais. Tem coluna, há vários anos, na Revista Internacional de Espiritismo, de São Paulo, fundada em 1925. Ali escreve em português e espanhol.

Autor de vários livros de prosa e versos, como:

"Pontos de Vista" e "Modo de Ver", da Casa Editora

O Clarim-Matão-SP, "Luz no Túnel", "Trovas da Codificação", e "Tchau São Paulo-Vou pra João Pessoa", editados na Paraíba.

Lança agora "O Grande Mar", com o apoio da "Samerca-Compra Certa Brastemp", representante para a região nordeste.

O autor agradece à Empresa, que decidiu dar sua colaboração à cultura, e espera que ela, ao ofertar o livro como brinde aos seus clientes, possa sentir-se recompensada pela iniciativa.

O Editor